

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO – FACE  
CURSO: PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES  
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10**

Áurea Pereira Silva  
Daniela Fernandes de Aguiar  
Daniela Lisboa Xavier  
Eriene Nunes Oliveira  
Elin Mary de Lima Novasco

## **A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

BRASÍLIA  
NOVEMBRO 2005

Áurea Pereira Silva  
Daniela Fernandes de Aguiar  
Daniela Lisboa Xavier  
Eriene Nunes Oliveira  
Elin Mary de Lima Novasco

## **A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

*Projeto do TCC apresentado ao Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte das exigências para a conclusão do curso de Pedagogia – Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10*

*Orientadora: Professora Nanci Martins de Paula*

BRASÍLIA  
NOVEMBRO DE 2005

*Dedicamos esta pesquisa a nossas famílias pelo carinho, espera e companheirismo ao longo deste curso. A nossos amigos pela força e amparo nos momentos mais difíceis. Sabemos que foi por vocês que chegamos ao fim desta longa jornada.*

*Agradecemos especialmente a Deus pela graça de termos forças para trilhar o caminho do conhecimento e buscar a partir deste curso de Pedagogia conhecimento para renovação profissional, acreditando no potencial de nossos alunos e buscando a cada dia melhorar o ambiente escolar e a relação com os colegas e a comunidade que nos cerca.*

*“A arte mais difícil e simultaneamente mais útil é a de saber educar.”*

*(Persischetti)*

## SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS .....	VII
LISTA DE TABELAS .....	VIII
I - INTRODUÇÃO .....	9
II – REFERENCIAL TEÓRICO .....	10
2.1. Conceito de Aprendizagem .....	10
2.2. Teoria de Aprendizagem de Wallon .....	12
2.3. Piaget e a Aprendizagem .....	14
2.4. Estudos de Vygotsky sobre a Aprendizagem .....	16
2.5. Escola e Família: Histórico e Conceitos .....	18
2.5.1. Pequeno Histórico da Educação Brasileira .....	18
2.6. A Função da Escola .....	22
2.7. A Família na Visão da Sociologia, Antropologia, Filosofia e Pedagogia .....	24
2.8. Processo de Participação da Família na Escola .....	29
2.9. Reflexão sobre a Relação Escola e Família .....	34
2.10. Pais e Professores em Busca de uma Linguagem Única .....	37
2.11. Envolvendo os Pais na Escola .....	40
III – ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS .....	42
IV – ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....	45
4.1. Organização dos Dados .....	45
4.2. Análise dos Resultados – Professores .....	53
4.3. Análise dos Resultados – Pais .....	59
4.4. Análise dos Resultados – Alunos .....	64
4.5. Discussão dos Dados por Categorias .....	70
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	74
CRONOGRAMAS .....	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	78
APÊNDICES .....	79
Apêndice A: Questionário para Pais .....	80
Apêndice B: Questionário para Alunos .....	81
Apêndice C: Questionário para Professores .....	82

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 01: Formação de Professores

Gráfico 02: Relacionamento dos Pais ou Responsáveis com a Escola

Gráfico 03: Quantidade de Filhos na Escola

Gráfico 04: Visita à Escola

Gráfico 05: Conversa com os Professores

Gráfico 06: Ajuda nas Tarefas em Casa

Gráfico 07: Participa de Atividades na Escola

Gráfico 08: Idade dos Alunos

Gráfico 09: Acompanhamento dos Pais

Gráfico 10: Pais Auxiliam nas Tarefas

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 01: Acompanhamento dos Pais ou Responsáveis

Tabela 02: Importância da Participação dos Pais para o Desenvolvimento do Aluno

Tabela 03: Necessidade de Conversar com os Pais

Tabela 04: Acompanhamento das Atividades em Casa

Tabela 05: Facilitação da Aprendizagem pelo Apoio dos Pais

Tabela 06: Atuação da Escola para trazer a Família à Participação Efetiva

Tabela 07: A Importância do Desenvolvimento Escolar do Aluno

Tabela 08: Mantém bom Relacionamento com a Escola

Tabela 09: Ajuda nas Dificuldades de Aprendizagem

Tabela 10: Pais querem saber como está o filho

Tabela 11: Conversam com os Professores

Tabela 12: Gosta de Estudar na Escola

Tabela 13: Pais Ajudam nas Atividades de Casa

Tabela 14: O que ocorre quando os Pais Auxiliam nas Tarefas de Casa

Tabela 15: Participação das Atividades Desenvolvidas

Tabela 16: Como os Pais Ajudam nas Dificuldades



## RESUMO

A participação da família na escola vem sendo discutida amplamente na última década. Esta é estimulada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e institucionalizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9.394/96. Evidencia-se assim que a tarefa de educar não está concentrada na escola, mas esta, é de responsabilidade da família e da escola. Sendo a aprendizagem um processo complexo, vastamente estudado e discutido por teóricos como Piaget, Vigotsky e Wallon, destacados nesta pesquisa, observa-se a necessidade de buscar informações sobre a influência do ambiente familiar na aprendizagem escolar. Portanto, o objetivo precípua desta pesquisa se delimita na observação desta relação, bem como da relevância da participação da família na escola. O problema gerador do estudo está na observação dos problemas recorrentes no Centro de Ensino Fundamental Condomínio Estância III em relação a aprendizagem dos alunos e a relação familiar estabelecida. A escola atende a famílias de baixa renda e com baixo grau de instrução o que tem influenciado decisivamente na aprendizagem dos alunos. Assim, o estudo apresentará a teoria acerca da aprendizagem e também as discussões teóricas que evidenciam a necessidade da escola estar sempre aberta a receber os pais para conversas, festas e outras atividades que propiciem a interação entre comunidade e escola e por consequência os atraia para o auxílio no processo de aprendizagem. Para tanto utiliza como metodologia a pesquisa bibliográfica da qual se compõe os primeiros capítulos e a pesquisa de campo, sendo esta qualitativa utilizando o método de estudo de caso e no último capítulo apresenta-se os dados colhidos por meio de questionário com perguntas abertas e uma análise sistematizada de acordo com as teorias já apresentadas. Portanto, ressalta-se que esse envolvimento escola e família poderá trazer muitos benefícios para a educação como um todo.

**Palavras-Chave:** Família, Escola, Aprendizagem.

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO – FACE**  
**CURSO: PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES**  
**INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10**

Áurea Pereira Silva  
Daniela Fernandes de Aguiar  
Daniela Lisboa Xavier  
Eriene Nunes Oliveira  
Elin Mary de Lima Novasco

## **A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

BRASÍLIA  
NOVEMBRO 2005

Áurea Pereira Silva  
Daniela Fernandes de Aguiar  
Daniela Lisboa Xavier  
Eriene Nunes Oliveira  
Elin Mary de Lima Novasco

## **A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

*Projeto do TCC apresentado ao Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte das exigências para a conclusão do curso de Pedagogia – Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10*

*Orientadora: Professora Nanci Martins de Paula*

BRASÍLIA  
NOVEMBRO DE 2005

*Dedicamos esta pesquisa a nossas famílias pelo carinho, espera e companheirismo ao longo deste curso. A nossos amigos pela força e amparo nos momentos mais difíceis. Sabemos que foi por vocês que chegamos ao fim desta longa jornada.*

*Agradecemos especialmente a Deus pela graça de termos forças para trilhar o caminho do conhecimento e buscar a partir deste curso de Pedagogia conhecimento para renovação profissional, acreditando no potencial de nossos alunos e buscando a cada dia melhorar o ambiente escolar e a relação com os colegas e a comunidade que nos cerca.*

*“A arte mais difícil e simultaneamente mais útil é a  
de saber educar.”*  
*(Persischetti)*

## SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS .....	VII
LISTA DE TABELAS .....	VIII
I - INTRODUÇÃO .....	9
II – REFERENCIAL TEÓRICO .....	10
2.1. Conceito de Aprendizagem .....	10
2.2. Teoria de Aprendizagem de Wallon .....	12
2.3. Piaget e a Aprendizagem .....	14
2.4. Estudos de Vygotsky sobre a Aprendizagem .....	16
2.5. Escola e Família: Histórico e Conceitos .....	18
2.5.1. Pequeno Histórico da Educação Brasileira .....	18
2.6. A Função da Escola .....	22
2.7. A Família na Visão da Sociologia, Antropologia, Filosofia e Pedagogia .....	24
2.8. Processo de Participação da Família na Escola .....	29
2.9. Reflexão sobre a Relação Escola e Família .....	34
2.10. Pais e Professores em Busca de uma Linguagem Única .....	37
2.11. Envolvendo os Pais na Escola .....	40
III – ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS .....	42
IV – ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....	45
4.1. Organização dos Dados .....	45
4.2. Análise dos Resultados – Professores .....	53
4.3. Análise dos Resultados – Pais .....	59
4.4. Análise dos Resultados – Alunos .....	64
4.5. Discussão dos Dados por Categorias .....	70
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	74
CRONOGRAMAS .....	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	78
APÊNDICES .....	79
Apêndice A: Questionário para Pais .....	80
Apêndice B: Questionário para Alunos .....	81
Apêndice C: Questionário para Professores .....	82

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 01: Formação de Professores

Gráfico 02: Relacionamento dos Pais ou Responsáveis com a Escola

Gráfico 03: Quantidade de Filhos na Escola

Gráfico 04: Visita à Escola

Gráfico 05: Conversa com os Professores

Gráfico 06: Ajuda nas Tarefas em Casa

Gráfico 07: Participa de Atividades na Escola

Gráfico 08: Idade dos Alunos

Gráfico 09: Acompanhamento dos Pais

Gráfico 10: Pais Auxiliam nas Tarefas



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 01: Acompanhamento dos Pais ou Responsáveis

Tabela 02: Importância da Participação dos Pais para o Desenvolvimento do Aluno

Tabela 03: Necessidade de Conversar com os Pais

Tabela 04: Acompanhamento das Atividades em Casa

Tabela 05: Facilitação da Aprendizagem pelo Apoio dos Pais

Tabela 06: Atuação da Escola para trazer a Família à Participação Efetiva

Tabela 07: A Importância do Desenvolvimento Escolar do Aluno

Tabela 08: Mantém bom Relacionamento com a Escola

Tabela 09: Ajuda nas Dificuldades de Aprendizagem

Tabela 10: Pais querem saber como está o filho

Tabela 11: Conversam com os Professores

Tabela 12: Gosta de Estudar na Escola

Tabela 13: Pais Ajudam nas Atividades de Casa

Tabela 14: O que ocorre quando os Pais Auxiliam nas Tarefas de Casa

Tabela 15: Participação das Atividades Desenvolvidas

Tabela 16: Como os Pais Ajudam nas Dificuldades

## RESUMO

A participação da família na escola vem sendo discutida amplamente na última década. Esta é estimulada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e institucionalizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9.394/96. Evidencia-se assim que a tarefa de educar não está concentrada na escola, mas esta, é de responsabilidade da família e da escola. Sendo a aprendizagem um processo complexo, vastamente estudado e discutido por teóricos como Piaget, Vigotsky e Wallon, destacados nesta pesquisa, observa-se a necessidade de buscar informações sobre a influência do ambiente familiar na aprendizagem escolar. Portanto, o objetivo precípua desta pesquisa se delimita na observação desta relação, bem como da relevância da participação da família na escola. O problema gerador do estudo está na observação dos problemas recorrentes no Centro de Ensino Fundamental Condomínio Estância III em relação a aprendizagem dos alunos e a relação familiar estabelecida. A escola atende a famílias de baixa renda e com baixo grau de instrução o que tem influenciado decisivamente na aprendizagem dos alunos. Assim, o estudo apresentará a teoria acerca da aprendizagem e também as discussões teóricas que evidenciam a necessidade da escola estar sempre aberta a receber os pais para conversas, festas e outras atividades que propiciem a interação entre comunidade e escola e por consequência os atraia para o auxílio no processo de aprendizagem. Para tanto utiliza como metodologia a pesquisa bibliográfica da qual se compõe os primeiros capítulos e a pesquisa de campo, sendo esta qualitativa utilizando o método de estudo de caso e no último capítulo apresenta-se os dados colhidos por meio de questionário com perguntas abertas e uma análise sistematizada de acordo com as teorias já apresentadas. Portanto, ressalta-se que esse envolvimento escola e família poderá trazer muitos benefícios para a educação como um todo.

**Palavras-Chave:** Família, Escola, Aprendizagem.

## I - INTRODUÇÃO

De acordo com a teoria de Outeiral e Cerezer (2003, p.42) a tarefa de ensinar, em nossa sociedade, não está concentrada apenas nas mãos dos professores. O aluno não aprende apenas na escola, mas também através da família, dos amigos, de pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação de massa, das experiências do cotidiano, dos movimentos sociais. Entretanto, a escola é a instituição social que se apresenta como responsável pela educação sistemática das crianças, jovens e até mesmo de adultos.

No ambiente escolar a criança sofre uma transformação radical em sua forma de pensar. Antes de se entrar nela, os conhecimentos são assimilados de modo espontâneo, a partir da experiência direta da criança. Em sala de aula, ao contrário, existe uma intenção prévia de organizar situações que propiciem o aprimoramento dos processos de pensamento e da própria capacidade de aprender.

Vygotsky em uma das suas três teorias sobre a interação escola-família defende:

*O princípio de contínua interação entre a base biológica do comportamento e as mutáveis condições sociais; os fatores biológicos preponderam sobre os sociais apenas no início da vida. Com o desenvolvimento do pensamento, o próprio comportamento da criança passa a ser orientado pelas interações que estabelece (VYGOTSKY apud FERREIRO, 2003. p.130).*

Em concordância com as teorias de Vygotsky, confirma-se a importância de se buscar maximizar a influência da participação dos pais no processo de aprendizagem. Neste contexto, pretende-se analisar como a participação da família na vida da criança pode lhe proporcionar novos caminhos para o aprender.

Segundo PIAGET, o núcleo biológico com suas formas de educar, influi profundamente na formação da personalidade (aspecto reacional e afetivo), como no desenvolvimento da reciprocidade (nivelamento das relações familiares), uma condição indispensável de reversibilidade nas trocas intelectuais.

A partir destas perspectivas o docente pode basear-se numa interação entre educação familiar e educação escolar. A família é a célula matriz da sociedade, portanto é nela que se baseiam os conceitos que o alicerçam. A escola não deve ser um membro à parte do processo social, trabalhando isoladamente, deve sim, unir-se a essa instituição para propagar um ensino de qualidade.

O presente trabalho tem por finalidade oportunizar ao profissional de educação perceber o aluno de forma geral, visto que cada aluno aprende ao longo da vida em contextos sociais diferenciados e não somente no contexto educacional. Ressalta-se que a aprendizagem construída a partir da relação familiar e ampliada na escola torna-se significativa. Diante disso, pode-se observar no dia-a-dia da sala de aula que o principal obstáculo que impede a criança de exercitar uma aprendizagem harmoniosa está relacionada às questões decorrentes do ambiente familiar, onde a má distribuição de renda e a falta de estabilidade são os principais agravantes. O distanciamento familiar em relação à escola faz com que a criança perca uma parte de sua potencialidade para aprender.

Outra pretensão explícita neste estudo é mostrar aos profissionais da área de educação, despertem para a importância de se conhecer o meio familiar e a influência que a mesma exerce sobre os educandos, tornando-as aliadas no processo de aprendizagem. Portanto, o delineamento da pesquisa se fez a partir da observação de que nas 4<sup>as</sup> séries do Centro de Ensino Fundamental Estância III, localizado em Planaltina-DF, há um grande distanciamento entre a escola e a família e os efeitos na aprendizagem dos alunos é visível. Os fatores observados são: desinteresse, agressividade, apatia, irresponsabilidade, infreqüência e baixo rendimento escolar.

Por vezes tem-se recebido neste Centro de Ensino, alunos com problemas de violência doméstica ou aqueles provenientes das ruas. Por esses motivos, as conseqüências percebidas na aprendizagem dos alunos, têm causado preocupação quando refere-se a violência, não é apenas a violência física, mas também aquela provocada pelo consumo de drogas lícitas e ilícitas. Portanto, a escola precisa acolher e socializar o aluno que tem sido alvo da violência generalizada e percebida claramente em nossa comunidade.

No trabalho diário na instituição escolar é fácil constatar a grande diversidade de relações, situações e interações entre os componentes da equipe de professores, com os responsáveis pela administração educativa, com os agentes externos da escola entre os alunos. Por outro lado, a sociedade tem solicitado da escola funções complexas, delegando tarefas que inicialmente deveriam ser da família.

Observa-se na realização dessa pesquisa uma necessidade de compreender a importância do ambiente familiar na aprendizagem do aluno. Compreende-se, porém, que cada grupo tem seu papel definido na educação da criança e isso vai

variar de acordo com a formação e com o que eleger como prioridade de vida. A compreensão dessa influência é fundamental para que se estabeleça uma relação concreta entre a aprendizagem e o ambiente familiar. Essa busca tem como principais questionamentos: o ambiente familiar é essencial no desenvolvimento da aprendizagem da criança?

A partir da observação destes fatores delineou-se como objetivo precípuo deste estudo: Investigar a importância das relações ocorridas no ambiente familiar no aprendizado escolar da criança. Os objetivos específicos são: analisar como as relações decorrentes do ambiente familiar influenciam no processo de ensino-aprendizagem; compreender que a família é uma comunidade educadora; encontrar meios para compartilhar com os pais o processo educativo.

## **II – REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1. Conceito de Aprendizagem**

Há muitas décadas, psicólogos e educadores procuram descobrir como se aprende. A cada nova tentativa as discussões se fazem mais acirradas e cada um quer defender a sua visão, confrontando práticas e teorias. Ao longo das últimas décadas surgiram diversas teorias que tentam explicar o processo de aprender. Muitas dessas teorias, embora amplamente sofisticadas e revelando sólida base científica, em nada auxiliam pais e professores na solução de problemas diários, como conseguir que um aluno aprenda a ler, que uma criança saiba multiplicar ou dividir entre outros.

Cabe ressaltar que é relevante que os educadores em todas as áreas conheçam as teorias predominantes desenvolvidas por psicólogos da aprendizagem, para que entendam a orientação do ensino nas escolas atuais e optem pela prática escolar que desejarem e que se observar mais eficaz no auxílio ao aluno.

Diante do problema apresentado se faz necessário a compreensão do que é a aprendizagem e como esta ocorre. De acordo com Skinner (apud BARROS, 1998 p.28) “a aprendizagem é a conexão entre o estímulo e a resposta. Completada a aprendizagem, estímulo e resposta estão de tal modo unidos, que o aparecimento do estímulo evoca a resposta.” A aprendizagem, é ainda, um elemento que provém de uma comunicação com o mundo e se acumula sob a forma de uma riqueza de conteúdos cognitivos. É o processo de organização de informações e integração do material pela estrutura cognitiva.

Barros (1998, p.45) propõem que “a aprendizagem é a modificação do comportamento e aquisição de hábitos.” E mostra que o psicólogo norte-americano Edward Lee Thorndike é um pioneiro da psicologia da aprendizagem, destacando que suas experiências tiveram início em 1897 onde realizou inicialmente experiências com cães, macacos e gatos onde observou o processo de aprendizagem destes animais e posteriormente nos humanos. Em seguida muitos outros defenderam outras teorias as quais citaremos adiante.

Os escritos teóricos de Barros (1998,p.46) mostram que, a aprendizagem pode ser distinguida em casual e organizada. A aprendizagem casual é quase sempre espontânea, surge naturalmente da interação entre as pessoas e com o ambiente em que vivem. Ou seja, pela convivência social, pela observação de objetos e acontecimentos, pelo contato com os meios de comunicação, leituras, conversas etc., as pessoas vão acumulando experiências, adquirindo conhecimentos, formando atitudes e convicções.

*A aprendizagem organizada é aquela que tem por finalidade específica aprender determinados conhecimentos, habilidades, normas de convivência social. Embora isso possa ocorrer em vários lugares, é na escola que são organizadas as condições específicas para a transmissão e assimilação de conhecimentos e habilidades. Esta organização intencional, planejada e sistemática das finalidades e condições da aprendizagem escolar é tarefa específica do ensino (BARROS, 1998, p.64).*

A aprendizagem escolar é assim, um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental, organizados e orientados no processo de ensino. Os resultados da aprendizagem se manifestam em modificações na atividade externa e interna do sujeito, nas suas relações com o ambiente físico e social (BARROS, 1998, 62).

Estas são considerações iniciais acerca da aprendizagem e para que haja uma compreensão mais ampla de suas significações se faz necessário conhecer aspectos importantes das teorias da aprendizagem de Wallon, Piaget e Vygotsky que delimitamos para embasar esta pesquisa.

## **2.2. Teoria da Aprendizagem de Wallon**

De acordo com Galvão (1995,p.35) Henri Wallon nasceu na França em 1879. Antes de chegar à psicologia passou pela filosofia e medicina e ao longo de sua

carreira foi cada vez mais explícita a aproximação com a educação. Em 1902, com 23 anos, formou-se em filosofia pela Escola Normal Superior, cursou também medicina, formando-se em 1908. Até 1931 atuou como médico de instituições psiquiátricas. Paralelamente à atuação de médico e psiquiatra consolida-se seu interesse pela psicologia da criança. De 1920 a 1937, é o encarregado de conferências sobre a psicologia da criança na Sorbonne e outras instituições de ensino superior. Em 1925 funda um laboratório destinado à pesquisa e ao atendimento de crianças ditas deficientes. Ainda em 1925 publica sua tese de doutorado "A Criança Turbulenta". Inicia um período de intensa produção com todos os livros voltados para a psicologia da criança. O último livro "Origens do pensamento na criança", em 1945. Faleceu em 1962 deixando um vasto estudo sobre o desenvolvimento e a aprendizagem da criança.

Para Wallon (apud ALENCAR, 1992,p19), a inteligência é a capacidade de se adaptar a situações diversas. Para um educador o importante deve ser levar em consideração o desenvolvimento como objetivo pedagógico, assim se forma pessoas inteligentes com senso crítico.

A gênese da inteligência para Wallon é genética e organicamente social, ou seja, "o ser humano é organicamente social e sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para se atualizar" (DANTAS, 1992,p.192). Nesse sentido, a teoria do desenvolvimento cognitivo de Wallon é centrada na psicogênese da pessoa completa.

Ele reconstruiu o seu modelo de análise ao pensar no desenvolvimento humano, estudando-o a partir do desenvolvimento psíquico da criança. Assim, o desenvolvimento da criança aparece descontínuo, marcado por contradições e conflitos, resultado da maturação e das condições ambientais, provocando alterações qualitativas no seu comportamento em geral. Wallon realiza um estudo que é centrado na criança contextualizada, onde o ritmo no qual se sucedem as etapas do desenvolvimento é descontínuo, marcado por rupturas, retrocessos e reviravoltas, provocando em cada etapa profundas mudanças nas anteriores.

Nesse sentido, a passagem dos estágios de desenvolvimento não se dá linearmente, por ampliação, mas por reformulação, instalando-se no momento da passagem de uma etapa a outra, crises que afetam a conduta da criança. Conflitos se instalam nesse processo e são de origem exógena quando resultantes dos desencontros entre as ações da criança e o ambiente exterior, estruturado pelos

adultos e pela cultura e endógenos e quando gerados pelos efeitos da maturação nervosa (GALVÃO, 1995,p.68). Esses conflitos são propulsores do desenvolvimento. Os cinco estágios de desenvolvimento do ser humano apresentados por Galvão (1995,p.70) sucedem-se em fases com predominância afetiva e cognitiva:

- **Impulsivo-emocional**, que ocorre no primeiro ano de vida. A predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas, às quais intermediam sua relação com o mundo físico;
- **Sensório-motor e projetivo**, que vai até os três anos. A aquisição da marcha e da prensão, dão à criança maior autonomia na manipulação de objetos e na exploração dos espaços. Também, nesse estágio, ocorre o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem. O termo projetivo refere-se ao fato da ação do pensamento precisar dos gestos para se exteriorizar. O ato mental "projeta-se" em atos motores. Como diz Dantas (1992,p58), para Wallon, o ato mental se desenvolve a partir do ato motor;
- **Personalismo**, ocorre dos três aos seis anos. Nesse estágio desenvolve-se a construção da consciência de si mediante as interações sociais, reorientando o interesse das crianças pelas pessoas;
- **Categorial**. Os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e conquista do mundo exterior;
- **Predominância funcional**. Ocorre nova definição dos contornos da personalidade, desestruturados devido às modificações corporais resultantes da ação hormonal. Questões pessoais, morais e existenciais são trazidas à tona.

Na sucessão de estágios há uma alternância entre as formas de atividades e de interesses da criança, denominada de "alternância funcional", onde cada fase predominante (de dominância, afetividade, cognição), incorpora as conquistas realizadas pela outra fase, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação (JOSÉ & COELHO, 1999,p.87).

Wallon nos deixou uma nova concepção da motricidade, da emotividade, da inteligência humana e, sobretudo, uma maneira original de pensar a Psicologia infantil e reformular os seus problemas.

### 2.3. Piaget e a Aprendizagem



De acordo com Bock (1999,p.87), Jean Piaget nasceu em Neuchâtel, Suíça em 1896 e faleceu em 1980. Escreveu mais de cinquenta livros e monografias, tendo publicado centenas de artigos. Estudou a evolução do pensamento até a adolescência, procurando entender os mecanismos mentais que o indivíduo utiliza para captar o mundo. Como epistemólogo, investigou o processo de construção do conhecimento, sendo que nos últimos anos de sua vida centrou seus estudos no pensamento lógico-matemático. Piaget, a partir da observação cuidadosa de seus próprios filhos e de muitas outras crianças, concluiu que em muitas questões cruciais as crianças não pensam como os adultos. Por ainda lhes faltarem certas habilidades, a maneira de pensar é diferente, não somente em grau, como em classe.

Ele criou os princípios para o desenvolvimento humano. A criança no processo de crescimento e de descobertas se encontra nas fases do por quê? Por que disso? Por que daquilo? E o adulto na insegurança de responder, diz apenas que é coisa de criança, ao invés de tirar tempo para as respostas simples e significativas às crianças.

Segundo Piaget (1973, p.27), “a criança desenvolve seu conhecimento ao passo que se relaciona com o mundo externo. Durante seu crescimento a criança passa por momentos de adaptações com as novas situações.” Ele entende assimilação como a incorporação de elementos novos. Tentam assimilar novas situações com as antigas já vivenciadas. O conhecimento é construído e passa por um processo de maturação.

*A estrutura do pensamento posterior depende da estrutura do pensamento anterior. Toda estrutura embora não visível tem um funcionamento. O processo de identificação da criança com o mundo depende da iniciativa da própria criança. Ao nascer a criança não possui noção de diferença entre o eu e o mundo. A consciência dá início devido ao próprio egoísmo de construção. (BARROS, 1998. p.101)*

Para tanto, a inteligência terá como função a diferenciação entre objetos externos e o próprio corpo, processo que se inicia com o nascimento da criança.

*A aprendizagem escolar é assim, um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental, organizados e orientados no processo de ensino. Os resultados da aprendizagem se manifestam em modificações na atividade externa e interna do sujeito, nas suas*

Assim, a teoria piagetiana propõe que as crianças desenvolvem padrões de pensamento, provenientes da maturação e de acordo com um padrão preestabelecido e um cronograma mais ou menos estável.

Para compreendermos o mundo, é necessário que, desde criança, sejam desenvolvidos conceitos, ou seja, a idéia que o individuo tem sobre cada classe de objetos ou eventos, agrupados com base nos elementos que possuem em comum.

Segundo Piaget (1973, p.27) a maneira que somos capazes de formar e lidar com conceitos se modifica ao longo de nossa vida. Declara ainda que a criança passa por estágios, em idades determinadas e a velocidade de movimentação em cada estagio, é essencialmente controlada pelos processos de maturação biológica que ocorrem em cada idade.

Os estágios são quatro: Sensório motor, Pré-operacional, Operações concretas e Operações formais. No primeiro, que ocorre de 0 a 2 anos de idade aproximadamente, a criança não pensa antes de realizar uma ação, simplesmente a faz. No segundo, aproximadamente dos 2 aos 7 anos de idade, a criança utiliza símbolos para significar suas ações e também apresenta um interesse especial pelo professor, passam ainda a empregar estruturas cognitivas como egocentrismo, centralização e irreversibilidade. No estágio de operações concretas, dos 7 aos 11 anos de idade, ainda é limitada ao seu próprio pensamento e tende a descrever seu ambiente em vez de explica-lo. Porém, seu pensamento progride consideravelmente neste estágio. Nas operações formais, dos 12 anos em diante, aproximadamente, ocorre o desenvolvimento das operações de raciocínio abstrato. O sujeito torna-se capaz de raciocinar corretamente sobre proposições em que não acredita, ou que ainda não crer, que considera puras hipóteses. É capaz de inferir as conseqüências. Têm início os processos de pensamento hipotético-dedutivos. (FONTANA, 1991, p.55)

As idades cronológicas ligadas aos estágios de desenvolvimento piagetianos são meras aproximações, o desenvolvimento da criança pode ser irregular, pois elas podem atingir parte de um pensamento associado a um estágio antes de adquirir o restante. Ou podem voltar a estágios anteriores. Por isso, os erros das crianças devem ser analisados pelos professores diante da perspectiva de se fazer um retorno e averiguar as razões da ocorrência desta falha.

Tanto para Piaget como para Vygotsky o desenvolvimento é evolutivo e, nesse trajeto, a imaginação se desenvolve. Para Piaget os educadores que fazem boa apreensão da sua teoria são aqueles que tem incorporado como propósito do desenvolvimento da criança. "A motivação de aprendizagem está na própria criança, ela só aprende quando consegue formar conceitos.(ALENCAR, 1992. p. 123).

#### **2.4. Estudos de Vygotsky sobre a Aprendizagem**

De acordo com Rappaport (1982, p.12), Lev Semyonovitch Vygotsky nasceu na Bielo Rússia, em 05 de novembro de 1896. Graduiu-se em Direito pela Universidade de Moscou e, mais tarde, dedicou-se a pesquisa literária. Entre 1917 e 1923 atuou como professor e pesquisador no campo das artes, da literatura e da psicologia.

A partir de 1924, em Moscou, aprofundou suas investigações no campo da psicologia, encaminhando-se para a Educação de Deficientes. Entre 1925 e 1934, desenvolveu, com outros cientistas, estudos de Psicologia nas áreas que contemplavam as anormalidades físicas e mentais. Depois de concluir outro curso, o de Medicina, foi convidado a dirigir o Departamento de Psicologia do Instituto Soviético de Medicina Experimental. Faleceu em 11 de junho de 1934.

Para Vygotsky o ser humano se caracteriza por uma sociabilidade primária. Henri Wallon expressa a mesma idéia de modo mais categórico: "Ele (o indivíduo) é geneticamente social". (WALLON apud BARROS, 1998, p.92)

Na época de Vygotsky este princípio não passava de um postulado, uma hipótese puramente teórica. Porém, atualmente, pode-se afirmar que a tese de uma sociabilidade primária, e, em parte, geneticamente determinada, possui quase um estatuto de fato científico estabelecido como resultado da convergência de duas correntes de investigação: por um lado, as investigações biológicas, como as relativas ao papel que desempenha a sociabilidade na antropogênese; por outro lado, as recentes investigações empíricas sobre o desenvolvimento social da primeira infância que demonstram amplamente a tese de uma sociabilidade primária e precoce.

*A sociabilidade da criança é o ponto de partida das interações sociais com o meio que o rodeia. Os problemas de interesse da psicologia da interação social são atualmente bastante conhecidos e, por esse motivo, nos limitaremos aqui a mencionar brevemente algumas particularidades da*

*concepção de Vygotsky. Por origem e por natureza o ser humano não pode existir nem experimentar o desenvolvimento próprio de sua espécie como uma ilha isolada, tem necessariamente seu prolongamento nos demais; de modo isolado não é um ser completo. (LANE, 1985. p.43)*

Para o desenvolvimento da criança principalmente na primeira infância, o que se reveste de importância primordial são as interações assimétricas, isto é, as interações com os adultos portadores de todas as mensagens da cultura. Nesse tipo de interação o papel essencial corresponde aos signos, aos diferentes sistemas semióticos, que, do ponto de vista genético, tem primeiro uma função de comunicação e logo uma função individual: começam a ser utilizados como instrumentos de organização e de controle do comportamento individual (MAZARAKIS, 2004, p.52).

Este é precisamente o elemento fundamental da concepção que Vygotsky tem da interação social: no processo de desenvolvimento desempenha um papel formador e construtor.

*Isso significa simplesmente que algumas das categorias de funções mentais superiores (atenção voluntária, memória lógica, pensamento verbal e conceitual, emoções complexas, etc.) não poderiam surgir e constituir-se no processo do desenvolvimento sem a contribuição construtora das interações sociais. (LANE, 1985. p.51).*

Assim, para Wallon a aprendizagem somente se constitui a partir das relações com o mundo social. A formação é resultado da relação com os pais, irmãos, colegas e todo e qualquer ser humano. Portanto, a participação da família no processo de aprendizagem é fundamental para que se incorpore novos valores neste processo e se consiga vencer todas as barreiras a ele imposta.

## **2.5. Escola e Família: Histórico e Conceitos**

### **2.5.1. Pequeno Histórico da Educação Brasileira**

A Educação Formal no Brasil chegou com os portugueses e foi desenvolvida pelos Jesuítas. Quando se diz Educação Formal observa-se aquela voltada para a aprendizagem da leitura e da escrita, pois anterior a isso, os índios já tinham sua

forma de educar seus filhos, de passar-lhes os conhecimentos e tradições. Contudo, com a chegada dos portugueses isso não foi respeitado.

Aranha (1996, p.14) ressalta que para melhor compreender a ação dos jesuítas no Brasil é conveniente observar que após a Reforma, o Concílio de Trento empreendeu a Contra-Reforma, destinada a impedir a propagação da dissidência religiosa. Além dos Jesuítas, com ação mais intensa, eficaz e duradoura, outras ordens se empenham nesse trabalho, como as dos franciscanos, dominicanos, carmelitas e beneditinos.

Com a chegada do primeiro governador-geral, Tomé de Sousa em 1549, chegaram também os jesuítas encabeçados por Manuel da Nóbrega. Em apenas 15 dias os jesuítas já faziam funcionar em Salvador uma escola “de ler e escrever”. Este foi o início do processo de criação de escolas elementares, secundárias, seminários e missões, espalhados pelo Brasil até o ano de 1759, quando os jesuítas são expulsos do Brasil pelo marquês de Pombal (ARANHA, 1996, p.14).

Em todo o período em que tiveram no Brasil, cerca de 210 anos, a ação jesuítica na catequese foi maciça, onde eles educaram os filhos dos colonos, formaram novos sacerdotes e da elite intelectual, além de exercerem o forte controle da fé e da moral dos habitantes da nova terra. A tarefa dos jesuítas foi árdua, pois havia vários empecilhos: o clima, a distância entre os lugares, a dificuldade de comunicação com os indígenas, e falta de costumes morais exigidos pela religião por parte dos portugueses que aqui chegaram sem suas esposas.

Ao se deslocarem da Bahia para o Sul, criam o Colégio de São Vicente, no litoral, depois transferido para Piratininga, no planalto. Aí, em 1554, fundam o Colégio de São Paulo, então surgindo a cidade de mesmo nome.

*O padre Manuel da Nóbrega, de espírito empreendedor, organiza as estruturas do ensino, atento as condições novíssimas aqui encontradas. O primeiro jesuíta a aprender a língua dos índios foi Aspilcueta Navarro, também pioneiro na penetração nos sertões em missão evangelizadora. A essas duas figuras vem se juntar, em 1553, o noviço Jose de Anchieta, de apenas 19 anos, e que vai se destacar no trabalho apostólico (ARANHA, 1996. p.100).*

A obra dos jesuítas, apesar de evasiva, culturalmente, era muito bem estruturada e com metas bem traçadas. Além de catequizar, eles também ensinavam a ler e escrever. A catequese dos índios era feita nas missões, onde

geralmente se construíam grandes ocas e os jesuítas catequizavam os índios e os ensinavam a plantar, ou seja, tentavam deixá-los longe dos olhos dos portugueses.

*O ensino no Brasil, no século XVII, não apresenta grandes diferenças como o do século anterior. O monopólio jesuítico na educação mantém uma escola conservadora, alheia a revolução intelectual representada pelo racionalismo cartesiano e pelo renascimento científico. O ensino rejeita as ciências físicas ou naturais, bem como humanística, centrada no latim, nos clássicos e na religião, com ênfase no grau médio (ARANHA, 1996,p.24).*

A educação proporcionada pelos jesuítas não atingia a todas as classes, mas era uma forma de classificar socialmente. E foi essa classificação social proporcionada pela educação que fez aumentar a procura da escola por parte dos mestiços, levando os jesuítas, em 1689, a proibir a matrícula de mestiços “por serem muitos e provocarem arruaças”, mas tiveram de renunciar a decisão a decisão discriminatória, tendo em vista subsídios que recebiam.

Segundo Brandão (1986,p.56), embora recebessem educação padronizada, os brasileiros entravam em contato com outros estilos de vida e traziam as aspirações da civilização urbana mais avançada vislumbrada no Velho Mundo para contrapor ao modo de vida rural e patriarcal da colônia. Esses elementos de diferenciação fazem germinar ideais políticos e sociais reveladores da insatisfação com o *status quo*.

No Século XVIII surgem as críticas a Companhia de Jesus denunciando-se o dogmatismo da escolástica decadente entre outros motivos educacionais. A educação proporcionada tinha por tendência o liberalismo e o laicismo, e foi neste século que começaram a surgir as dificuldades do ensino. Os problemas de ensino na Europa influenciam em todos os lugares onde os jesuítas estão.

Após a expulsão dos jesuítas tem início a Era Pombalina que impõe uma reforma na educação brasileira.

*Pode-se questionar a validade do ensino dos jesuítas na formação da cultura brasileira, mas é indiscutível que de início foi prejudicial o desmantelamento da estrutura educacional montada pela Companhia de Jesus. Os bens dos padres são confiscados, muitos livros e manuscritos importantes destruídos, na sendo repostos. De imediato, o ensino regular não é substituído por outra organização escolar, enquanto os índios, entregues a sua própria sorte, abandonam as missões (ARANHA, 1996, p.134).*

Esse período foi um retrocesso para a educação brasileira, pois somente dez anos mais tarde o marquês de Pombal iniciou a reconstrução do ensino brasileiro, mas suas providências desconexas e sem planejamento colocaram a educação brasileira em xeque.

No período do império as mudanças políticas e educacionais foram intensas. Neste período a atuação educacional é irregular, fragmentada e quase nunca com resultados satisfatórios, sendo este momento resultado da lenta passagem da sociedade rural-agrícola para uma sociedade urbano-comercial. O processo era o mesmo, havendo uma importação de costumes, valores e metodologias educacionais da Europa.

*Finalmente, a lei de 1827, a única que em mais de um século se promulgou sobre o assunto para todo o país e que determina a criação de escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugarejos (art.1º) e, no art. XI escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas. (ARANHA, 1996. p.152)*

Como a maior preocupação era com o ensino superior, o ensino secundário ficava em segundo plano. Segundo Azevedo (1963,p.65) “a educação teria de arrastar-se, através de todo o Século XIX, sem organização, anárquica, incessantemente desagregada. Entre o ensino primário e o secundário não há pontes ou articulações: são dois mundos que se orientam cada um na sua direção.”

Já no Século XX os desafios da educação no Brasil eram infinitos. Ocorrem neste século passamos por quatro momentos políticos distintos: Primeira República, Segunda República, Ditadura Militar e Nova República, cada uma com suas implicações educacionais.

Segundo Nagle (1974, p.35), na Primeira República tivemos a forte influência do positivismo e do escolanovismo, sendo neste período em que houve o Manifesto dos Pioneiros visando combater a escola elitista e acadêmica tradicional, que se acha sob o monopólio da Igreja. Ocorre também a Reforma Francisco Campos que propõe um novo estatuto das universidades brasileiras e que divide o ensino secundário passa a ter dois ciclos: um fundamental, de cinco anos, e outro complementar, de dois anos. Neste período também temos a Reforma Capanema que trouxe poucas modificações para a educação e ocorre a expansão do ensino.

Na Segunda República temos um marco importante: a promulgação da Primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que depois de transitar por

treze anos no Congresso Nacional é promulgada em 1961, ficando em vigência por apenas quatro anos devido o golpe militar de 64. Paulo Freire contribuiu significativamente para que a Lei fosse promulgada, contudo, após o golpe foi exilado por causa de seus ideais e forma de ver a educação.

Saviani (1999,85) faz duras críticas ao período da ditadura de chumbo e evidencia que este foi um período de retrocesso em todos os âmbitos para nosso país. Os anos de chumbo, 20 anos de nossa história, representaram um retrocesso pior que a expulsão dos jesuítas para a educação, pois os militares fizeram da educação nacional uma forma de coibir a participação e a crítica, e isso se fez de forma violenta. Os Diretórios Acadêmicos e Diretórios Centrais dos Estudantes foram desestruturados, mas se reergueram de forma clandestina. A educação passou a ser tecnicista.

*Os pressupostos teóricos da tendência tecnicista em educação podem ser encontrados na filosofia positivista e na psicologia behaviorista. Essas teorias valorizam a ciência como uma forma de conhecimento objetivo, isto é, passível de verificação rigorosa por meio da observação e da experimentação. Aplicadas à educação, voltam-se para o comportamento, nos seus aspectos observáveis e mensuráveis. Coerente com esse princípio, o ensino tecnicista busca a mudança do comportamento do aluno mediante treinamento, a fim de desenvolver suas habilidades. Por isso, privilegia os recursos da tecnologia educacional, encontrando no behaviorismo as técnicas de condicionamento (ARANHA, 1996. p.213).*

Na Nova República que teve início com a eleição de Tancredo Neves que não chegou a assumir o poder, pois faleceu dias antes de sua posse, levando ao poder José Sarney tendo início no Brasil uma nova era para a educação. Entra em cena a Pedagogia histórico-crítica, que contou com um grupo renomado de filósofos, teólogos, sociólogos e educadores brasileiros. Em 1996 é promulgada a Nova LDB e ocorre um novo recomeço na educação. Agora temos uma educação voltada para a tecnologia, para a formação para a vida e geradora de cidadãos críticos e reflexivos.

Observando esse pequeno histórico da educação brasileira podemos observar que não há uma explicitação teórica que referencie a participação da família na escola, bem como a sua importância no processo de aprendizagem.

## **2.6. A função da Escola**



*A função da escola é proporcionar um conjunto de práticas preestabelecidas tem o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem de conteúdos sociais e culturais de maneira crítica e construtiva. Esta função socializadora nos remete a dois aspectos: o desenvolvimento individual e o contexto social e cultural. (FREIRE, 2000. p. 132)*

É nesta dupla determinação que nos construímos como pessoas iguais, mas ao mesmo tempo, diferentes de todas as outras. Iguais por pertencermos à mesma matriz cultural, o que nos permite fazer parte de grupos e compartilhar com outras pessoas um mesmo conjunto de saberes e formas de conhecimento que, por sua vez, só é possível ao que individualmente pudermos incorporar. Não há individual possível à margem da sociedade, da cultura.

“O papel formal da escola é o de ser a principal responsável pela organização, sistematização e desenvolvimento das capacidades científicas, éticas e tecnológicas de uma nação.” (FORMIGA, 1999. p.2) Inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania, sua qualificação para o trabalho, bem como, meios para progredir nele e em estudos posteriores.

Assim, o conhecimento hoje é entendido como um valor especial, mais até do que bens materiais. Em meio às incertezas que o atual momento tende a despertar, num ponto estão todos de acordo: a importância do conhecimento para todos os indivíduos, sobretudo os jovens, para enfrentar o presente e o futuro. Temos que ensinar bem e preparar os indivíduos para exercer a cidadania e o trabalho no contexto de uma sociedade complexa (GADOTTI, 2003,p.50).

Para Libâneo (1999, p. 56), “a educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permite navegar através dele.” Para que isso ocorra à educação deve ater-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais, que serão para cada indivíduo, os pilares do conhecimento; aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser. Temos que perceber que estas quatro vias do saber, tornam-se apenas uma, devido ser uma dependente da outra, necessitando sempre de trocas de informações entre elas. A UNESCO propõe que a educação deve se mirar nos seguintes pressupostos:

**Aprender a conhecer:** para mostrar como devemos aprender a conhecer, é preciso tem em mente que este tipo de aprendizagem tem a finalidade e o seu

fundamento é o prazer de compreender, de conhecer e de descobrir. Para isso a educação deverá criar formas para que a escolaridade tenha seu tempo prolongado, ou seja, que o adulto, após concluir seus estudos possa prosseguir com vontade de fazer novos cursos, pesquisa etc., fazendo-o perceber que o aumento do saber o faz compreender melhor o ambiente, sob os seus diversos aspectos, com isso ser mais crítico e atualizado. Na criança, despertá-la e aguçá-las para que tenha mais prazer de estudar, mas é essencial que ela possa ter acesso às metodologias científicas, com isso possa ser "amiga da ciência".

**Aprender a fazer:** aprender a conhecer e aprender a fazer são em larga medida indissociáveis. Porém aprender a fazer tem maior referência com a formação profissional. O indivíduo aprende e põe em prática os seus conhecimentos. Temos que perceber que aprender a fazer não pode ser apenas ensinar o jovem para uma função onde fará uma tarefa material. Para isso deverá o jovem ser sempre atualizado, de acordo com o desenvolvimento industrial.

**Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros:** para que todos possam aprender a viver juntos, e aprender a viver com os outros, tem a educação um papel importantíssimo, e um grande desafio, já que a opinião pública toma conhecimento através dos meios de comunicação e nada pode fazer. A história humana sempre foi escrita pelos conflitos raciais e até mesmo de religiosos etc. Cabe a educação trabalhar para a mudança deste quadro desde a simples idéia de ensinar a não violência, o não preconceito etc. Porém deve utilizar duas vias complementares, primeiro a descoberta progressiva do outro, segundo ao longo de toda a vida a participação em projetos comuns que parece um método eficaz para evitar ou melhorar conflitos latentes.

**Aprender a ser:** a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todos os seres humanos devem ser preparados pela educação que recebe, para agir nas diferentes circunstâncias da vida. Para isso cada um deverá Ter pensamentos autônomos e críticos, ou seja personalidade própria.

*Deverá o ser humano estar preparado para as mudanças principalmente evitar a desumanização do mundo relacionado com a evolução técnica. Exercer a autoridade que legitima a educação também implica dar explicações do que fazemos e propomos; significa ouvir e deixar a porta aberta à*

*revisão da norma sempre que necessário. Exercer a autoridade significa respeitar a personalidade dos alunos, que devem ter o direito de exprimir sua opinião. (SAVIANI, 1992. p. 39).*

Ser firme nas crenças e nos princípios defendidos não implica ser imutável, nem tão pouco mudar de opinião, significa ser desprovido dela. Portanto, a falta de atuação convincente deixa o aluno sem referência e lhe provoca angustia, insegurança, o que será aproveitado por outros modelos para cobrir o vazio existente. Neste contexto, a escola e a família precisam caminhar na mesma linha e buscando sempre uma relação ampla e melhor que propicie a construção de um conhecimento diferenciado.

## **2.7. A Família na Visão da Sociologia, Antropologia, Filosofia e Pedagogia**

Diversos estudos sobre a definição conceitual da família considerando suas peculiaridades demonstram que na visão de cada ciência esta encontra-se de uma forma. Portanto, esta unidade destacará o conceito de família e a sua relação com a escola na visão da Sociologia, Antropologia, Filosofia e Pedagogia.

De acordo com Marques (2000, p.70), “Engels, ao se propor o estudo sobre a família, afirmou que esse termo é derivado de *famulus* (escravo doméstico) e foi uma expressão inventada pelos romanos para designar um novo organismo social que surge entre as tribos latinas, ao serem introduzidas na agricultura e na escravidão legal.” (p.98) O novo organismo caracterizava-se pela presença de um chefe que mantinha sob seu poder a mulher, os filhos e um certo número de escravos, com poder de vida e de morte sobre todos eles, o “*paterpotestas*”(p.101).

Desde então, o termo família tem designado instituições e agrupamentos sociais bastante diferentes, entre si, do ponto de vista de sua estrutura e funções. Tais grupos e instituições, como função específica ou exclusiva e, em muitos momentos, desempenharam simultânea e prioritariamente, funções políticas e econômicas. Dessa forma, a variabilidade histórica da instituição família desafia qualquer conceito geral de família (MARQUES, 2000,p.80).

Cada família circula num modo particular de emocionar-se, criando uma cultura familiar própria, com seus códigos, com uma sintaxe própria para comunicar-se e interpretar comunicações, com suas regras, ritos e jogos. Além disso, há o emocionar pessoal e o universo pessoal de significados. Tais significados, no

cotidiano, não são expressos. O que se tem são ações que são interpretadas num contexto de emoções entrelaçadas com o crivo dos códigos pessoais, familiares e culturais mais amplos. Tais emoções e interpretações geram ações que vão formando um enredo cuja trama compõe o universo do mundo familiar (ZAGURY, 2002, p.92).

“Com Lévi-Strauss, a família entra definitivamente no terreno da cultura. Para ele, o fundamento da família não está na natureza biológica do homem, mas na sua natureza social; as famílias se constituem como aliança entre grupos” (PARO, 2000, p. 41).

Observando os enfoques propostos no início deste texto, compreende-se que para a Sociologia tem-se uma divisão clássica do processo de socialização em duas fases: a socialização primária e a socialização secundária. De acordo com Berger e Lukman (Coelho, 2001, p.112) “socialização primária pode ser definida como a fase que o indivíduo atravessa na infância e mediante a qual se transforma em membro da sociedade. Já a socialização secundária representa o processo posterior, que incorpora o indivíduo já socializado a novos setores do mundo objetivo de sua sociedade.” (p.108)

É importante salientar que as características da socialização são historicamente determinadas. Portanto, o enfraquecimento da capacidade socializadora da família corresponde às mudanças na carga emocional com que são transmitidos os conteúdos da socialização primária e a precocidade cada vez maior com que se apresentam as possibilidades de escolha. Na sociedade atual, os conteúdos da socialização primária são transmitidos com uma carga afetiva diferente da do passado, e tanto os grupos como as opções predefinidas as quais uma criança é exposta tendem a diferenciar-se, a multiplicar-se e a modificar-se com uma velocidade sem precedentes (GOKHALE, 1980,p.80).

De tal forma que a partir dos anos 90, o conjunto de transformações envolvendo o mundo inteiro como: a reforma do Estado, as compreensões políticas e econômicas globais, as novas demandas de uma sociedade complexa, a revolução informacional, a transformação produtiva, desemprego e precarização nas relações de trabalho, a expansão da pobreza e aumento das desigualdades sociais são alguns dos fatores que determinaram e ainda determinam mudanças na política familiar (GOKHALE, 1980, p.82).

Atualmente se pode observar que a família retoma um lugar de destaque na política social. Ela é revista como ancoragem principal na socialização de seus membros e na garantia de vínculos relacionais que previnam os riscos de isolamento social decorrentes da ausência de trabalho na sociedade urbanizada, televisiva e telemática.

*Nesse processo de contestação do padrão tradicional de autoridade familiar, dos pais sobre os filhos e do homem sobre a mulher, houve uma confusão entre os excessos de autoridade do tipo tradicional e o exercício legítimo e necessário da autoridade na família, levando a permissividade que tem prejudicado particularmente as crianças, que ficaram sem limites estabelecidos. Pois, de acordo com Piaget, a autoridade baseada no respeito mútuo constrói uma moral autônoma, enquanto que a autoridade exercida pelo respeito unilateral gera uma moral heterônoma em que o sujeito é incapaz de agir e julgar com seus próprios recursos. Assim, pode-se pensar que a criança educada a base da imposição de regras, sem entender o porquê, ou aquela que ignora que não podemos recusar as regras formará uma moral heterônoma e tenderá a ser um adulto incapaz de escolher (OLIVEIRA, 2002. p.56).*

É na família, mediadora entre o indivíduo e a sociedade, que aprendemos a perceber o mundo e nos situarmos nele. É a família formadora de nossa primeira identidade social. Ela é o primeiro ponto a quem aprendemos a nos referir. É nessa instituição, pois, que se dão os primeiros contatos com o mundo das regras dos valores vigentes na sociedade. Ao se constituírem nas primeiras referências e figuras da autoridade, os pais se tornam responsáveis pelas diversas formas com que seus filhos irão lidar posteriormente com os limites impostos pela vida em sociedade. Ao assumir esse papel formador, a família participa com a escola de um projeto comum, que é o da formação/educação da criança e do adolescente.

No enfoque antropológico observa-se que o Brasil cada vez mais urbano vem sendo marcado por profundas transformações sociais, econômicas, culturais, éticas e de comportamento humano. Porém, permanece um consenso em torno da família, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vem se estruturando, como espaço privilegiado para a prática de valores comunitários e o aprofundamento das relações de solidariedade, reiterando a permanência de suas funções, consideradas insubstituíveis quanto à assistência, promoção de valores, educação,

proteção aos seus membros e lugar de encontro de gêneros e gerações (LOPEZ, 2000, p.62).

Segundo López (2000, p.68 ), é consenso que a situação de vulnerabilidade das famílias encontra-se diretamente associada a sua situação de pobreza e ao perfil de distribuição de renda no país. Por detrás da criança excluída da escola, nas favelas, no trabalho precoce urbano e rural e em situação de risco, está na família desassistida ou não atingida pela política oficial.

As organizações familiares hoje existentes no interior do movimento social brasileiro não têm tido uma protagonização política de maior envergadura. Quando se considera o perfil da atuação dessas entidades, pode-se dividi-las em quatro grupos básicos (KALoustIAN, 1988, p.25):

- formado pelas organizações de orientação religiosa, mais voltada a edificação cristã das famílias, através da promoção de valores e da formação para a vida;
- constituído por associações de profissionais como psicólogos, médicos, assistentes sociais, que atuam no apoio a famílias em dificuldades, no âmbito da terapia familiar;
- formado por entidades que agrupam pais em favor da educação dos filhos;
- organizações que aglutinam famílias envolvidas em atividades de natureza produtiva.

De tal forma que, para a garantia de um vínculo familiar estável, é preciso um programa político agregador dos movimentos sociais em ações específicas voltadas a proteção da família brasileira.

Já na Filosofia temos claro que esta tem papel importante na sociedade. Ao se reportar a família, Castoriadis (1992, p.75), necessariamente enfoca-se o processo de socialização que leva o sujeito na relação com outros a ser um indivíduo social. Qual a função materna nessa relação de socialização? A mãe é alguém que fala, portanto, é um indivíduo social falando a linguagem de determinada sociedade, portadora de significações imaginárias específicas dessa sociedade.

*Esse processo de socialização inicia-se no primeiro dia de vida e segue até a morte. É esse processo que leva o indivíduo social, uma entidade falante, a ter uma identidade e um estado social, a ajustar-se mais ou menos a certas regras, a buscar certos fins, a aceitar valores e agir conforme motivações e modos de fazer estáveis para que o seu comportamento seja, na maior parte do tempo,*

*previsível para os outros indivíduos (ZAGURY, 2002. p.15).*

O resultado desse processo é um indivíduo que funciona adequadamente para ele mesmo na maior parte do tempo e, sobretudo, para a sociedade.

Por fim, na Pedagogia, observa-se que educar não é uma tarefa fácil. Hoje é preciso ir contra a corrente de certas tendências sociais de forte influência, como a preponderância da comodidade, o hedonismo, a facilidade na aquisição de bens, o egoísmo e outras manifestações da sociedade de consumo que não são precisamente aspectos que ajudem a melhorar a consciência moral, individual e coletiva. “Educar consiste em saber dizer não em algum momento. Não se trata de reforçar a negativa arbitrariamente. Exercer a autoridade que legitima a educação também implica dar explicações do que fazemos e propomos; significa ouvir e deixar a porta aberta à revisão da norma sempre que necessário” (CARVALHO, 2000. p.89). Exercer a autoridade significa respeitar a personalidade dos filhos e dos alunos, que devem ter o direito de exprimir sua opinião.

Se cometermos erros em nosso posicionamento, temos de reconhecer e retificá-los, mas com a mesma convicção que mostramos em nossa posição anterior. Ser firme nas crenças e nos princípios defendidos não implica ser imutável, nem tão pouco mudar de opinião, significa ser desprovido dela. Portanto, a falta de atuação convincente deixa a criança sem referência e lhe provoca angústia, insegurança, o que será aproveitado por outros modelos para cobrir o vazio existente.

De modo geral, a participação dos pais deve se concretizar no auxílio a atuação pedagógica escolar. Isso implica propiciar a escola o suporte necessário para que educação escolar seja o fruto de coordenação e coerência entre as atuações dos professores e da família. Por parte da escola, essa participação dos pais deve ser considerada no próprio planejamento das tarefas que os professores realizam. Ao planejar o que fazer na importância do papel dos pais.

*A realização do acolhimento e da socialização dos alunos pressupõe o enraizamento da escola na comunidade. A interação entre equipe e escolar, alunos, pais e outros agentes educativos possibilita a construção de projetos que visam a melhor e mais completa formação do aluno. A separação entre escola e comunidade fica demarcada pelas atribuições e responsabilidades e não pela realização de um projeto comum (MARQUES, 2000. p.18).*

A grande gama de conhecimentos construídos no ambiente escolar, ganha sentido quando há interação contínua e permanente entre o saber escolar e os demais saberes, entre o que o aluno aprende na escola e o que ele traz para a escola. O relacionamento contínuo e flexível com a comunidade favorece a compreensão dos fatores políticos, sociais, culturais e psicológicos que se expressam no ambiente escolar.

Faz-se necessário que professores e família estejam convencidos de que a participação, diferenciada conforme o papel que cabe a cada setor da comunidade educacional, constitui ao mesmo tempo uma manifestação de democracia social e uma garantia de qualidade. Por certo, não se pode confundir a participação com a qualidade em si da educação escolar, porque a qualidade se refere aos resultados educacionais alcançados pela escola, enquanto a participação é apenas um meio. Contudo, trata-se de um meio fundamental, porque a educação não depende de si mesma, mas em grande parte do papel que desempenha a família dentro e fora da escola. Como se dá com outras habilidades humanas, é participando que se aprende a participar (LÓPEZ, 2000, p.89).

Cabe ressaltar que educadores, pais e mães, precisam se propor a oferecer o melhor para as crianças e adolescentes no que concerne a educação. Faz-se necessário sonhar e buscar para eles um futuro com mais oportunidades, para que sejam felizes, tenham bons empregos e se tornem cidadãos participativos. No entanto, para que isso aconteça, eles precisam se preparar para a vida atual e futura aprendendo mais e melhor (CARVALHO, 2000, p.50).

## **2.8. Processo de Participação da Família na Escola**

A escola é um fenômeno relativamente recente na história da humanidade. A nobreza européia não mandava seus filhos à escola; contratava sábios como tutores para que os iniciassem no mundo das artes e da ciência da época. A religião também tinha um papel importante na educação, já que os aspirantes à vida religiosa tinham acesso ao conhecimento formal, estando, dessa forma, aptos a ensinar. Com a ascensão da burguesia, os ricos comerciantes também exigiram o direito à educação formal para seus filhos, e os conhecimentos antes restritos aos “bem-nascidos” estenderam-se um pouco naquele mundo de estrutura social bem definida e pouco móvel (ARRUDA, 2000,p.68).



De acordo com Outeiral e Cerezer (2003,), “a instituição escolar somente surgiu como prática corrente por causa das exigências crescentes de um mundo cada vez mais industrializado.” (p. 51) A produtividade demandava trabalhadores mais bem preparados para operar máquinas, consertar engrenagens e entender de processos produtivos. Com isso, precisava-se de pessoas que dominassem minimamente os conhecimentos necessários nas fábricas. A popularização dos conhecimentos escolares, porém, não tirou da família sua função intransferível: a transmissão de valores morais e éticos.

Ao se observar a questão da participação dos pais na escola como fonte de ampliação do campo de aprendizagem do aluno, pode-se indagar: Será possível planejar e executar o processo de educação escolar independente da questão familiar? Como trazer a família para participar do processo ensino-aprendizagem na escola? O que fazer quando a família não colabora? E quando a escola não colabora?

Para Pereira (2000,p.62), todas estas questões merecem um tratamento cuidadoso, que leve em conta aspectos sociais, culturais e legais que ampliam e modificam esta relação. O estudo das relações entre família e escola denota que ao longo da história brasileira a família passou por diversas transformações importantes que relacionam-se com o contexto sócio-econômico-político do país. No Brasil-Colônia, marcado pelo trabalho escravo e pela produção rural para a exportação, identifica-se um modelo de família tradicional, extensa e patriarcal; onde os casamentos baseavam-se em interesses econômicos, que à mulher, era destinada a castidade, a fidelidade e a subserviência. Aos filhos, considerados extensão do patrimônio do patriarca, ao nascer dificilmente experimentavam o sabor do aconchego e da proteção materna, pois eram amamentados e cuidados pelas amas de leite.

Almeida (1987, p.96) salienta que, foi a partir das últimas décadas do século XIX, que se observou um novo modelo de família. A Proclamação da República, o fim do trabalho escravo, as novas práticas de sociabilidade com o início do processo de industrialização, urbanização e modernização do país constituem terreno fértil para a proliferação do modelo de família nuclear burguesa, originário da Europa. Trata-se de uma família constituída por pai, mães e poucos filhos.

*O homem continua detentor da autoridade e "rei" do espaço público; enquanto a mulher assume uma nova posição: "rainha do lar", "rainha do*

*espaço privado da casa". Desde cedo, a menina é educada para desempenhar seu papel de mãe e esposa, zelar pela educação dos filhos e pelos cuidados com o lar (ALMEIDA, 1987. p.22).*

Em se tratando das questões legais no que concerne a questão da família, a Constituição Brasileira de 1988, aborda a questão da família nos artigos 5º, 7º, 201, 208 e 226 a 230. Trazendo algumas inovações (artigo 226) como um novo conceito de família: “união estável entre o homem e a mulher (§ 3º) e a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes (§ 4º). E ainda reconhece que: os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher (§ 5º)”.

O fenômeno que se tem observado atualmente é, no mínimo, curioso. Por um lado, a escola reclama da ausência da família no acompanhamento do desempenho escolar da criança, da falta de pulso dos pais para dar limites aos filhos, da dificuldade que muitos deles encontram em transmitir valores éticos e morais importantíssimos para a convivência em sociedade. Por outro, a família reclama da excessiva cobrança da escola para que os pais se responsabilizem mais pela aprendizagem da criança, da ausência de um currículo mais voltado para a transmissão de valores e da preparação do aluno para os desafios não-acadêmicos da sociedade e do mundo do trabalho.

Nos últimos vinte anos, várias mudanças ocorridas no plano sócio-político-econômico relacionadas ao processo de globalização da economia capitalista vem interferindo na dinâmica e estrutura familiar e possibilitando mudanças em seu padrão tradicional de organização. Conforme Pereira (1995, p.60), as mais evidentes são:

- Queda da taxa de fecundidade, devido ao acesso aos métodos contraceptivos e de esterilização;
- tendência de envelhecimento populacional;
- declínio do número de casamentos e aumento da dissolução dos vínculos matrimoniais constituídos, com crescimento das taxas de pessoas vivendo sozinhas;
- aumento da taxa de coabitações, o que permite que as crianças recebam outros valores; menos tradicionais;

- aumento do número de famílias chefiadas por uma só pessoa, principalmente por mulheres, que trabalham fora e têm menos tempo para cuidar da casa e dos filhos.

Contudo, tais mudanças não devem ser vistas como tendências negativas, muito menos como "idéia de crise, atualmente em evidência, pode ser enganosa. A aparente desorganização da família é um dos aspectos da reestruturação que ela vem sofrendo, a qual se, por um lado, pode causar problemas, pode, por outro, apresentar soluções. Trata-se, pois, de um processo contraditório que, ao mesmo tempo em que abala o sentimento de segurança das pessoas, com a falta ou diminuição da solidariedade familiar, proporciona também a possibilidade de emancipação de segmentos tradicionalmente aprisionados no espaço restritivo de muitas sociedades conjugais opressoras... Com ele, também, os papéis sociais atribuídos diferenciadamente ao homem e à mulher tendem a desaparecer não só no lar, mas também no trabalho, na rua, no lazer e em outras esferas da atividade humana (Pereira 1995,p.65).

Embora a cada momento histórico corresponda um modelo de família preponderante, ele não é único, ou seja, concomitante aos modelos dominantes de cada época, existiam outros, com menor expressão social, como é o caso das famílias africanas escravizadas. Além disso, o surgimento de uma tendência não eliminava imediatamente a outra, prova disto é que neste início de século podemos identificar a presença do homem patriarca, da mulher "rainha do lar" e da mulher trabalhadora. Assim, não se pode falar de família, mas de famílias, para que possamos tentar contemplar a diversidade de relações que convivem em nossa sociedade. Outro aspecto a ser ressaltado, diz respeito ao significado social da família, qual a sua razão de existência?

Segundo Kaloustian (1988, p.30), a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo, materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

Gokhale (1980, p.80) acrescenta que a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação bem sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto. A família tem sido, é e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas.

Evidenciado, no nosso tipo de organização social, o papel crucial da família quanto a proteção, afetividade e educação, onde buscar fundamentação para a relação educação escola/família? O dever da família com o processo de escolaridade e a importância da sua presença no contexto escolar é publicamente reconhecido na legislação nacional e nas diretrizes do Ministério da Educação aprovadas no decorrer dos anos 90, tais como:

Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90), nos artigos 4º e 55.

Política Nacional de Educação Especial, que adota como umas de suas diretrizes gerais: adotar mecanismos que oportunizem a participação efetiva da família no desenvolvimento global do aluno. E ainda, conscientizar e comprometer os segmentos sociais, a comunidade escolar, a família e o próprio portador de necessidades especiais, na defesa de seus direitos e deveres. Entre seus objetivos específicos, temos: envolvimento familiar e da comunidade no processo de desenvolvimento da personalidade do educando.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96), artigos 1º, 2º, 6º e 12.

Plano Nacional de Educação (aprovado pela Lei nº 10172/2007), que define como uma de suas diretrizes a implantação de conselhos escolares e outras formas de participação da comunidade escolar (composta também pela família) e local na melhoria do funcionamento das instituições de educação e no enriquecimento das oportunidades educativas e dos recursos pedagógicos.

E não podemos deixar de registrar a recente iniciativa do MEC que instituiu a data de 24 de abril com o Dia Nacional da Família na Escola. Neste, todas as escolas deveriam convidar os familiares dos alunos para participar de suas atividades educativas, pois conforme declaração do ex-Ministro da Educação "quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles aprendem mais".

Neste contexto, é preciso que conheçamos as razões pelas quais as famílias não têm correspondido ao que os educadores esperam enquanto sua participação na escola. Para tal, precisamos nos despir da postura de juízes que condenam sem

conhecer as razões e incorporarmos o espírito investigador que busca as causas para o desconhecido.

## **2.9 Reflexão sobre a Relação Escola e Família**

A necessidade de se estudar a relação família e escola se sustenta e é reafirmada quando o professor se esmera por considerar o aluno sem perder de vista a globalidade da pessoa, ou seja, compreendendo que quando se ingressa no sistema escolar, não se deixa de ser filho, irmão, amigo etc.

Segundo Paro (2000), pesquisador que realizou um estudo sobre o papel da família no desenvolvimento escolar de alunos do ensino fundamental, o distanciamento entre escola e família não deveria ser tão grande, pois para ele, a escola não "assimilou quase nada de todo o progresso da psicologia da educação e da didática, utilizando métodos de ensino muito próximos e idênticos aos do senso comum predominantes nas relações familiares"(p.16). O autor se remete ao fato de que, a atual escola dos filhos, é bastante parecida com a escola que os pais freqüentaram, e por isso, estes últimos não deveriam sentir-se tão distanciados do sistema educacional, e também o professor, embora admita a necessidade da participação dos pais na escola, não sabe bem como encaminhá-la.

Nas palavras de Paro, "parece haver, por um lado, uma incapacidade de compreensão por parte dos pais, daquilo que é transmitido na escola; por outro lado, uma falta de habilidade dos professores para promoverem essa comunicação" (p.68). Infelizmente, as pesquisas que relacionam as instituições escola e família são de número bastante reduzido, comparando-se à proporcionalidade deste número, a importância essencial dessa relação para o desempenho escolar das crianças.

É importante papel da família no desempenho escolar dos filhos, e ainda conclui que há uma relação interdependente entre as condições sociais da origem das famílias e a maneira que se relacionam com as escolas, além do fato de que, transformações visíveis pelas quais passam ultimamente, tanto as escolas quanto às famílias, naquilo que diz respeito às suas estruturas e dinâmicas internas, são reveladores de uma tendência crescente de conexão entre os territórios: família e escola. (Nogueira, Romanelli, e Zago, 2000, p.11).

Portanto, tais pesquisas vêm, primeiramente, oferecer contribuições imprescindíveis para o repensar desta complexa relação, mas elas também

reafirmam com dados semelhantes, uma conclusão de senso-comum, colhida dos discursos da grande maioria dos professores, sejam da educação infantil, do ensino fundamental, ou do ensino médio: o fato da família não ir bem, influencia negativamente o desenvolvimento escolar dos filhos. Tais constatações se explicitam em verbalizações como: “os pais dos alunos com dificuldades de aprendizagens, são exatamente aqueles que não comparecem às reuniões”; “eu sei que as reuniões de pais nem sempre são agradáveis, mas temos que lhes contar a realidade sobre seus filhos”; “como o aluno pode ir bem na escola, se seu pai bebe, se sua mãe o abandonou?”; “eu mando lições, e pesquisas para casa, e o menino vem me dizendo que seu pai ou mãe não teve tempo de ajudá-lo”.

Mas e quanto aos pais, quais seriam os seus pensamentos? Caso as perguntas acima anotadas, fossem a eles dirigidas, como as responderiam? Em sua pesquisa, Sá (2001) aponta a existência de uma “duplicidade discursiva”, a família demonstra que possui preocupação e desejo de envolver-se com os assuntos escolares; por outro lado, os discursos dos educadores demonstram o interesse na participação dos pais em situações que acontecem fora dos muros da escola, como o auxílio nas tarefas de casa. Temerosos de que estes últimos, ao obterem uma ampliação de poder frente à gestão escolar, terminem por invadir áreas que segundo eles não lhes pertencem como, por exemplo: avaliação dos professores, definição de calendário e currículos escolares, entre outros, os professores acabam ofertando possibilidades de participações restritivas, ou exigem um conhecimento que os pais não possuem, acabando por afastar a família que, nas palavras do autor “...ao recusarem as ofertas participativas que lhe são proporcionadas, arriscam-se a ser etiquetados como pais negligentes, inaptos e irresponsáveis, a quem pode facilmente ser imputada a culpa pelos eventuais insucessos dos seus educandos.” (PARO, 2000. p.97).

A dificuldade, entretanto, da efetiva construção dessa relação, de uma maneira que proporcione condições de igualdade na relação das duas instituições, isto é, estabelecendo-se uma parceria, onde a participação dos pais seja real, diferente daquela participação, onde enviam uma contribuição mensal, onde colaboram comprando rifas, ou vêm à escola para ouvirem a professora contar das inúmeras dificuldades dos filhos, é um dado presente na maioria das pesquisas: que relatam o paralelismo entre as duas instituições, rompidos por raros e frágeis pontos de intersecção.

Segundo Paro (2000), podemos dizer que, além de problemas como professores mal formados e outros, a escola tem falhado também e principalmente “porque que não tem dado a devida importância ao que acontece fora e antes dela, com seus educandos.” (p.15). E como ponto de partida para a busca de uma solução para tal realidade, articula sua pesquisa, “...com a preocupação de estudar formas organizacionais mais adequadas de integração dos pais a propósitos escolares de melhoria de ensino...” (2000, p.15).

Obviamente, as reuniões de pais, são os momentos mais representativos destas intersecções entre família e escola. Lino e Macedo (1996), relata alguns dos muitos sentimentos que permeiam tal relação, quando escreve a apresentação do livro “Reunião de Pais: Sofrimento ou Prazer?”, obra através da qual as autoras apresentam propostas para a elaboração de reuniões que conduzam a um esforço comum e recíproco entre pais e professores, para promoverem o desenvolvimento das crianças.

*Esta é uma relação permeada pelos mais diversos fatores: o sofrimento dos pais por afastarem seus filhos de si mesmos; os desejos de que a escola lhes ofereça o melhor, em todos os aspectos; a necessidade da garantia dos melhores cuidados para com as crianças; os ciúmes que sentem os pais ao dividirem os filhos com os professores; o medo do fracasso escolar; as projeções dos próprios fracassos compensados através dos filhos; o pouco interesse pela vida escolar dos filhos; as superexigências dos pais; as atitudes de aceitação ou não dos filhos; as questões de rejeição ou negligência; as dificuldades pessoais dos pais; o contexto sócio-econômico-histórico em que se fundamenta a família; a permissividade ou o autoritarismo; as relações de amor e hostilidade; a violência contra os filhos, ou entre familiares; as atitudes, padrões e valores morais da família; o relacionamento entre casal e filhos; doenças, separação, desemprego; os diferentes modelos de organização familiar. (Macedo, 1996, p.12).*

Apesar da incompleta enumeração dos aspectos preponderantes na relação família escola, aspectos estes como se nota, principalmente de ordem afetiva e moral, vê-se que a tarefa de se construir uma parceria entre tais instituições se faz mister, uma vez que a escola não sustenta ou talvez jamais tenha sustentado a posição de substituta da família na função educadora, tão pouco, lhe caberá assumir uma postura de resistência e rivalidade, baseada em uma aproximação unilateral,

que venha a submeter a família, a partir da exagerada consideração de uma possível ignorância e incapacidade desta última para educar e socializar.

Na verdade esta hegemonia da instituição escolar sobre a familiar, naquilo que concerne à formação e ou competência similar é irreal, pois o desenvolvimento do aluno depende entre tantos fatores, mas especialmente da boa solução desses aspectos apontados anteriormente. Entretanto o que se observa é exatamente a falta de iniciativa dos professores:

*Quanto à falta de um necessário conhecimento e habilidade dos pais para incentivarem e influenciarem positivamente os filhos a respeito de bons hábitos de estudo e valorização do saber, o que se constata é que os professores, por si, não têm a iniciativa de um trabalho a esse respeito junto aos pais e mães. Mesmo aqueles que mais enfaticamente afirmam constatar um maior preparo dos pais para ajudarem seus filhos em casa se mostram omissos no tocante à orientação que eles poderiam oferecer, especialmente nas reuniões de pais, que é quando há um encontro que se poderia considerar propício para isso (Paro, 2000, p.65).*

A escola, portanto, também necessita dessa relação de cooperação com a família, pois os professores precisam conhecer as dinâmicas internas e o universo sócio-cultural vivenciados pelos seus alunos, para que possam respeitá-los, compreendê-los e tenham condições de intervirem no providenciar de um desenvolvimento nas expressões de sucesso e não de fracasso diagnosticado. Precisam ainda, dessa relação de parceria para poderem também compartilhar com a família os aspectos de conduta do filho: aproveitamento escolar, qualidade na realização das tarefas, relacionamento com professores e colegas, atitudes, valores, respeito às regras.

## **2.10. Pais e Professores em busca de uma Linguagem Única**

Durante séculos, a função da família era educar a criança para os valores, para a religião, para os hábitos, costumes e tradições familiares. À escola cabia transmitir conhecimentos acadêmicos e formar o jovem para a vida profissional. Havia confiança mútua entre ambas as partes e uma dava aval às decisões e posturas da outra. Com as mudanças ocorridas no mundo no último século, esses papéis se misturaram, e em alguns casos, pode-se dizer até, se inverteram, pois já não se consegue distinguir mais com tanta clareza qual é o papel de uma e qual o



papel de outra. Entretanto, uma coisa é certa: ambas têm uma tarefa única: educar para a vida. O que já não é pouco (PERRENOUD, 2002 , p.28).

Em tempos tão confusos como o nosso. O que é educar para a vida? Para Paro (2000, p.15), talvez esta seja uma questão um tanto filosófica e profunda. Uma vez que preparar para a vida já não é mais transmitir conhecimentos acadêmicos e formais, como Física, Química, Biologia, Desenho Geométrico, História, Geografia, Literatura etc, pois estes, ao que tudo indica, podem ser obtidos em qualquer veículo que se disponha a ensiná-los, (vide telecursos pela televisão, a Internet, os livros, as revistas, os semanários, etc.), educar voltou a ser aquilo que era na Antigüidade: preparar a criança para a vida em sociedade, torná-la cidadã do mundo, de um mundo que não se restringe mais à vida na polis, mas à uma vida global. Um cidadão do globo terrestre, que hoje janta em São Paulo, amanhã almoça em Los Angeles, e depois de amanhã, toma seu café da manhã em Tokyo.

*E este mundo globalizado exige pessoas que saibam se conduzir em sociedade, que tenham ética, que tenham respeito pelos direitos e deveres que a globalização impõe. Pois, ao contrário do que a mídia prega em suas publicações sobre a liberdade nas empresas e nos negócios, nunca se exigiu tanto dos funcionários dentro das empresas como hoje; nunca o ser humano foi tão cobrado em suas posturas e condutas (ALMEIDA, 2000. p.23).*

Há leis, códigos e câmeras de vídeo que vigiam, regulam e controlam as pessoas durante todo o tempo dentro das empresas. E o que se tem exigido desses funcionários não é o conhecimento de literatura ou de análise sintática, ou seu conhecimento de teoremas matemáticos, mas sua capacidade de se relacionar em grupo, sua habilidade de relacionamento interpessoal, sua rapidez para resolver problemas, sua criatividade para encontrar soluções, seu raciocínio e sua capacidade para ler e interpretar com clareza. E isto, caros senhores, os livros e os cursos não ensinam (ARRUDA, 2000,p.70).

Só a experiência concreta nos permite aprender a viver e conviver com o outro, seja este outro quem for, de que etnia for. A convivência é um aprendizado que só se adquire dentro da família e dentro da escola, que são, como costuma se dizer, os pequenos balões de ensaio onde experimentamos a vida antes de cair na real (LÓPEZ, 2000, p.98).

Uma vez que a escola já não é mais o espaço privilegiado onde se adquiria conhecimentos acadêmicos, fica claro que sua missão mudou, assim como mudaram a sociedade e a família, que cobram e exigem que a escola tenha novas posturas diante da educação. E é exatamente neste ponto que as coisas se complicam, pois a família cobra da escola atual tudo o que exigia dela no passado e ainda a formação do estudante como cidadão para o mundo.

Ora, está claro que isto é uma missão impossível. Ainda que o aluno permanecesse na escola por 24h, não seria possível a esta dar conta de toda sua educação. É preciso que escola e família unam-se nesta tarefa, que é a cada dia mais complexa. Educar sempre foi tarefa difícil e complexa, mas hoje, em função de todas as transformações que ocorreram no mundo e na sociedade, educar ficou ainda mais difícil, pois as crianças e os jovens são extremamente diferentes daquilo que já foram um dia. Nossos parâmetros educacionais têm pouca serventia hoje e só são aplicáveis em alguns raríssimos casos. Se há um momento na história da humanidade em que família e escola precisaram trabalhar unidas, o momento é agora (LÓPEZ, 2000, p.98).

Neste contexto há que se buscar uma solução do dilema entre família e escola. Trabalho unido ou à quatro mãos, como costumamos dizer, não é uma querendo atropelar o fazer da outra, mas dar apoio e aval às ações da outra. Da mesma forma que a escola não pode interferir na vida familiar, esta não pode e não deve interferir no âmbito da escola.

É por esta razão que é tão importante que a escolha da escola seja feita com muita consciência e transparência, pois é imprescindível que família e escola falem a mesma linguagem e tenham as mesmas posturas. Se há um tempo em que a coerência se faz necessária, esse tempo é hoje, pois nunca as pessoas estiveram tão confusas, nem tão divididas e mal resolvidas (MACHADO, 1999, p. 90).

Embora guardadas e bem delimitadas as diferenças entre casa e escola, passou-se a buscar mais o apoio daquela, entendendo-se a eficácia da ação normalizadora da escola sobre crianças e jovens se e quando respaldadas pelo conhecimento e aquiescência da família sobre a mesma. A despeito disso, reservava-se a escola, como sempre o fez, os direitos sobre o conhecimento científico acerca das áreas disciplinares, como também sobre aqueles que diziam respeito aos processos de aprendizagem das crianças e adolescentes, conhecimentos estes informados pela biologia, psicologia e ciências sociais

preservando a escola, desta forma, seu lugar de autoridade no gerenciamento das questões pedagógico-educacionais (CARVALHO, 2000, p. 58).

Hoje vivemos um outro tempo, bem mais complexo, diverso e inquietante do que há algumas décadas. A escola enfrenta, além do desafio frente ao domínio do conhecimento, em permanente e veloz mudança, também o desafio da relação com seus alunos, sejam eles crianças pequenas ou jovens. As questões disciplinares despontam como um problema para um número relevante de instituições de ensino (PARO, 2000, p.17).

Sem dúvida, esse contexto é perpassado por questões de naturezas diferentes, entre as quais encontramos os dilemas do desenho curricular a ser proposto na contemporaneidade, os impasses em vista da escolha dos encaminhamentos metodológicos mais adequados às relações de ensino, os limites e possibilidades da manutenção de uma relação professor aluno com qualidade e também, sem qualquer dúvida, reencontramos a família, considerada peça chave nesse momento de crise. A escola não deu conta da tarefa de formar a juventude e hoje compõe o coro, engrossado por outros agentes sociais, que clama pela recuperação da autoridade no meio familiar, sem a qual intui-se, mais ainda, afirma-se que nada poderá ser feito. Culpa-se hoje a família pelas mazelas impostas pela violência, pela indisciplina e pelo sentimento de desrespeito que ronda jovens e crianças, considerando-a demissionária do papel de gerar e gerir os valores indispensáveis à construção da vida social (LÓPEZ, 2000,p.100).

### **2.11. Envolvendo os Pais na Escola**

Diante desta explanação, cabe ressaltar que os próprios professores podem desenvolver e propor estratégias para o envolvimento da família na escola, buscando-se um discurso único entre pais e professores.

A primeira proposta pode ser o grupo de pais. De acordo com Outeiral (2003,), os grupos com pais podem ser de diversos tipos:

**Grandes grupos** reunidos para discussão de um tema geral escolhido pelos pais e com a ajuda de outros profissionais. Inicia-se com uma exposição e, posteriormente, a formação de pequenos grupos para reflexão e discussão sobre a temática em pauta. Ao final, retorna-se ao grande grupo com uma sinopse realizada pelo secretário de cada pequeno grupo e o coordenador realizando uma síntese.

**Pequenos grupos** para reflexão e discussão sobre temas e/ou situações específicas que podem ser sugeridas pelos pais e/ou pela escola em períodos determinados consensualmente como reuniões quinzenais com uma hora e meia de duração por alguns meses.

**Grupos de pais, professores e alunos** reunidos para discutir questões comuns na escola.

Outra proposta é o Centro familiar. De acordo com Marques (1997,p.36), essa experiência foi realizada pela Escola Rumo ao Futuro em Portugal. Trata-se de um espaço próprio, situado dentro ou perto da escola, cuja utilização é reservada aos familiares dos alunos, com o fim de conceberem e concretizarem atividades de envolvimento e participação no processo educativo e na vida da escola.

O centro deve ter a coordenação de um pai ou uma mãe que se encarregará dos arranjos físicos, distribuição de informações e marcação de reuniões. Sendo um espaço para múltiplas atividades, como sala de reuniões para os pais, sala de reuniões para os pais e professores, local de encontro, local de convívio, deve estar equipado com uma mesa redonda, cadeiras, sofá, armários, geladeira, telefone, computador e impressora. Equipado desta forma e gerido pelas famílias dos alunos, o centro é um espaço criativo, onde as famílias ganham um sentimento de posse e de pertencimento.

Com isso, podemos observar que é possível concretizar um bom relacionamento entre pais e professores, entre escola e pais basta que ambas as partes tenham coragem de dar um passo a frente. De dar idéias, de envolver-se no projeto educativo de seus filhos.

Partindo destas análises teóricas percebe-se como é importante a participação da família na escola. Portanto apresenta-se no próximo capítulo a análise dos dados relacionados a pesquisa que demonstrarão a relação da teoria e da prática.

### **III - ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS**

A pesquisa que será apresentada é qualitativa, servindo-se de dados também quantitativos. O gênero é de pesquisa prática com características de participante. O método utilizado foi estudo de caso, o foco da pesquisa foi a influência da família no processo ensino-aprendizagem, tendo como sujeitos os pais, os alunos e os professores da 4ª série do ensino básico do Centro de Ensino Fundamental

Condomínio Estância III, localizado em um bairro da periferia de Planaltina – DF. Duas das pesquisadoras integram o quadro da escola. Este Centro atende a uma Região formada por famílias de baixa renda, vindas de todas as regiões do Brasil, principalmente do nordeste e interior de Goiás. Algumas famílias dessa comunidade têm como única fonte de renda o benefício concedido pelo governo: “Renda Minha”.

Entre os problemas observados destaca-se que esta escola acolhe e socializa o aluno que é vítima da violência doméstica. Ao nos referirmos a este tipo de violência, não é só da violência física, mas também aquelas provocadas pelo consumo das drogas lícitas e ilícitas. A região também sofre outros tipos de violência generalizada e percebida em nossa comunidade que também é carente em saneamento básico e o seu esgoto é muitas vezes lançado pelas ruas, quando as casas não possuem fossas. Recentemente, a água da região foi encanada por um projeto da CAESB e desde então, falta com frequência. Essa forma de violência, também influencia no processo de aprendizagem do aluno ao passo que não lhe dá condições para viver dignamente.

O local onde está situado o Centro de Ensino tem somente a rua principal asfaltada e as demais ruas sofrem com o problema da poeira e da lama. A região é formada por pequenos comércios que atendem a comunidade na medida do possível. Essas são características que devem ser observadas e descritas para que também se consiga analisar os dados da pesquisa mais aprofundadamente com base nos problemas cotidianos enfrentados por essa comunidade.

O Centro de Ensino Fundamental Condomínio Estância III funciona em dois prédios, sendo o centro de ensino e o seu anexo, atendendo três turnos: no matutino, turmas de 1ª a 5ª séries; o vespertino de 1ª a 4ª séries e; o turno noturno de 5ª a 8ª séries e EJA (Educação de Jovens e Adultos) primeiro segmento, que compreende de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Este foi inaugurado em 1988, sendo que até o ano de 2000 era considerada escola rural. O seu anexo atende somente turmas de 1ª a 4ª série.

Esta Unidade Escolar possui em sua estrutura as seguintes dependências: quinze salas de aula, secretaria, sala de assistência, sala dos professores, sala destinada à orientação pedagógica, cantina, sala de vídeo, cantina terceirizada, oito banheiros (apenas seis funcionários), biblioteca, sala de mecanografia, depósito, dispensa e sala dos funcionários da limpeza. Dividido em dois andares possui também uma área externa com estacionamento, quadra de esportes e campo de

areia, muro de 3 metros de altura e portão eletrônico, perfazendo um total de 1.816,24 m<sup>2</sup> de área construída. Todo Centro de Ensino têm as janelas e portas gradeadas. Um vigilante é responsável pela segurança nos finais de semana e à noite, após o encerramento do turno noturno.

O anexo é formado por uma estrutura de madeirite, composto por dez salas de aula, quatro banheiros, cantina, dispensa e depósito. Na sua área externa um estacionamento, uma pequena quadra de esportes e um campo de areia, possuindo uma área construída de 800 m<sup>2</sup> em caráter provisório desde o ano 2000. Esta estrutura física foi planejada para dois anos de uso, até a construção da escola definitiva, mas até a presente data ainda funciona desta forma. Nos dias quentes, o calor chega a incomodar e nos dias de chuva é impossível trabalhar devido à má conservação do telhado. Recentemente passou por uma pequena reforma onde foram substituídas as telhas quebradas, pintaram as paredes (ou os madeirites que as formam), reformaram a cerca que envolve a escola, numa tentativa de dificultar a ação dos invasores, que muitas vezes destroem as suas dependências, roubam materiais pedagógicos e da cantina, geralmente isto acontece no período de férias ou de recesso escolar.

O corpo administrativo da escola é composto pelos seguintes profissionais: diretora, vice-diretora, três assistentes, sendo um administrativo e dois pedagógicos, um coordenador, um pedagogo que atende ao pólo de apoio à aprendizagem, a secretaria é atendida por um secretário e dois assistentes. Os serviços de limpeza e conservação são desempenhados por trinta e oito funcionários, todos de empresa terceirizada, os responsáveis pela merenda escolar são do quadro da Secretaria de Educação.

O corpo docente é formado por 64 professores em regência de classe, sendo 45 no Centro de Ensino e 19 no anexo. A biblioteca e a mecanografia são atendidas pelo pessoal administrativo. Os professores do Centro de Ensino atendem as sete da 1ª série, seis de 2ª série, cinco de 3ª série e três de 4ª série e uma classe de aceleração/alfabetização. O estabelecimento, juntamente com o anexo, atende aproximadamente dois mil e duzentos alunos, divididos em três turnos.

Os docentes desta unidade de Ensino em sua maioria já possuem formação superior e os demais, encontram-se em formação, percebendo-se mudanças na prática pedagógica, proveniente da formação continuada.

A amostra investigada constituiu-se de 64 alunos das 4ªs séries, selecionados

a partir dos objetivos da pesquisa. Quanto aos professores, participaram da pesquisa, 10 que se prontificaram a responder os questionários. Foram pesquisados 45 pais em que se observou idades e graus de instrução diversos.

Os dados foram coletados por meio de questionários específicos para cada grupo de sujeitos. Estes podem ser observados em apêndices: Apêndice “A” para pais, Apêndice “B” para alunos e Apêndice “C” para professores.

A coleta dos dados se fez a partir da aplicação dos instrumentos de pesquisa aos pais, alunos e professores do Centro de Ensino Fundamental Condomínio Estância III e ainda da observação direta do ambiente e conversas informais, buscando-se o máximo de informações possíveis sobre o tema.

Os dados coletados foram organizados em mapas e tabelas, analisados de acordo com as teorias consultadas para a construção deste projeto de pesquisa e partir deles, foram elaborados relatórios analíticos e gráficos que demonstraram os resultados da pesquisa, bem como a sua relação com a teoria explicitada. Estes, então, fazem parte deste relatório final do trabalho, voltado para a relação entre a teoria e a prática observada na escola.

Para atingir os objetivos propostos, escolheu-se aplicar questionários direcionados aos sujeitos que participariam da pesquisa: pais, alunos e professores.

Obteve-se a autorização da Direção do Centro de Ensino Fundamental Condomínio Estância III, que está localizada na periferia de Planaltina-DF, onde observou-se o problema em questão.

A população participante da pesquisa foi composta dos alunos de seis 4ª séries do Centro de Ensino Fundamental Condomínio Estância III. Esta etapa da coleta de dados deu-se de forma tranqüila. As pesquisadoras puderam aplicar os questionários para os alunos, recolhendo-os logo em seguida. Contou-se, ainda, com a colaboração de uma colega para aplicar os questionários, já que éramos apenas cinco.

Quanto aos questionários para os pais, ficou um pouco angustiante, pois alguns pais alegavam não terem tempo, outros esqueciam de responder e alguns nem mesmo se dispuseram a inteirar-se do assunto e ainda teve aqueles que se esqueceram de trazer os questionários, mas enfim, conseguiu-se resposta de 42 questionários dos 60 enviados.

Quanto aos professores foi a mais tranqüila, pois muitos deles já vivenciaram a mesma situação pela qual estamos passando.

Os dados coletados foram analisados de acordo com as teorias consultadas para o mapeamento, aparentemente fácil. No entanto, sentiu-se muita dificuldade, pois os questionários constavam em sua maioria de perguntas abertas, dificultando a análise, o que nos fez optar por fazer um relatório analítico e sintetizado, de forma a se poder elaborar gráficos compreensíveis.

## **IV - ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

### **4.1. Organização dos dados**

#### **Professores**

Nº de professores participantes: 13

#### **Formação dos professores**

- Magistério - 3
- Letras - 1
- História - 1
- Pedagogia – 6
- Não falou sobre a formação - 2

#### **Dos professores, dois estão fazendo outra graduação**

Tempo de atuação:

- 2 anos – 1 professor
- de 2 a 4 anos – 3 professores
- de 4 a 8 anos – 3 professores
- de 8 a 10 anos – 2 professores
- mais de 10 anos – 4 professores

#### **Acompanhamento dos pais**

- Sim – 1 professor
- Não – 2 professores
- De vez em quando – 10 professores

#### **Eixos de respostas selecionados**

- *“Alguns pais acompanham, mas a maioria só quer saber se no final do ano o filho vai ser aprovado.”*
- *“Infelizmente a maioria dos pais não acompanham a vida escolar de seus filhos.”*



- *“Não, a participação acontece quando a professora sente necessidade de comunicação.”*
- *“Na maioria dos casos o acompanhamento ocorre de vez em quando”*

#### **Um professor respondeu**

- *“desde a primeira aula que eles tiveram, são acompanhados. Para e voltar para as tarefas, participar de encontros, reuniões de pais, pesquisas de trabalhos e tudo que for preciso para o desenvolvimento.”*

#### **Importância da participação dos pais para o desenvolvimento do aluno**

100% dos professores responderam sim

#### **Eixos selecionados**

- *“Sim, para o desenvolvimento cognitivo é necessário o envolvimento de todos no processo de construção..”*
- *“A formação educacional não é responsabilidade somente do professor, o pai é um agente formador da educação do filho e da sua formação de cidadania.”*
- *“Importante, essencial uma vez que a criança tendo assistência em casa o seu rendimento e interesse é maior..”*
- *“A participação dos pais no desenvolvimento da criança tem fundamental importância, pois ela precisa sentir que além da escola existe alguém interessado na sua aprendizagem, não só no sentido de cobrar, mas de ensinar e aprender juntos.”*
- *“Mesmo os pais não tendo nenhuma escolaridade ele podem contribuir, incentivando, dando bons conselhos, educando seus filhos.”*

#### **Necessidade de conversar com os pais:**

Todas as informações obtidas nesse questionamento giraram sob este eixo de respostas, problemas no aprendizado, surgimento de novos problemas, infreqüência e falta de interesse.

- *“Quando observo que a criança na está desenvolvendo como o esperado, sinto necessidade de descobrir o que está por trás, para tentar ajudar no aprendizado..”*
- *“Sempre, pois todos os dias os alunos apresentam desenvolvimento e surgem novos problemas.”*

- *“Quando não realiza a atividade e se torna infrequente.”*
- *“Quando percebo que o interesse da criança diminuiu e ela passa a ir para a escola somente para estar presente. As tarefas escolares não lhe chamam a atenção.”*

#### **Relacionamento dos pais ou responsáveis com a escola**

- Distante – 3
- Descompromissado - 4
- Amizade e entendimento - 1
- Produtivo – 2
- Não há relacionamento - 3

#### **Acompanhamento das atividades em casa**

##### **Eixos de respostas selecionados:**

- *“Poucos pais acompanham os filhos na execução dos deveres de casa. Muitos pais fazem no lugar do filho.”* – 2 professores
- *“Alguns pais acompanham.”* – 3 professores
- *“Não, pois o que eu posso observar é que os pais não tem esse cuidado ou não possui grau de conhecimento para resolver problemas dos filhos..”* – 5 professores
- *“A maioria não se interessa em ajudar as crianças, por conseguinte, essas crianças raramente as realizam e apresentam maior dificuldade.”* – 3 professores

#### **Facilitação da aprendizagem pelo apoio dos pais**

- *“Com certeza. A criança demonstra ser mais responsável e segura.”* – 3 professores
- *“Acredito que sim, pois os pais conseguem dar um atendimento mais de perto das dificuldades do seu filho.”* – 1 professor
- *“Sim, na escola as coisas são mais formais, sem falar na questão da afetividade.”* – 4 professores
- *“Com certeza, as vezes ajuda na concretização do aprendizado em sala de aula.”* – 5 professores

#### **Projetos na escola**

- 100% dos professores responderam que não há ou desconhecem
- Atuação da escola para trazer a família à participação efetiva

### **Eixos de respostas selecionados**

- *“A escola se empenha bastante para que os pais se interessem mais pela educação de seus filhos.” – 3 professores*
- *“Principalmente, quando há interesse partidário (político) incentivado, é claro, pelo governo.” – 2 professores*
- *“A escola na verdade teme que os pais participem efetivamente dela. Por isso, alguns são convocados para participarem do Conselho Escolar, mas só fica quem aceita ser manipulado.” – 1 professor*
- *“Observo tentativas de busca dessa parceria, mas, não posso citar nenhum resultado.” – 4 professores*
- *“Deixa a desejar. Direção e professores não sabem trabalhar com essa questão. O correto seria, mas estão sempre ocupados com outros objetivos que vão deixando de lado essa questão.” – 2 professores*
- *“A escola ainda não simpatiza essa idéia.” – 1 professor*

### **Incentivo da Secretaria de Educação para a parceria pais e escola**

- Não há incentivo

### **Pais**

- Participantes – 45 pais

### **Quantidade de filhos na escola**

- Um filho - 29
- Dois filhos - 14
- Três filhos - 2

### **Visita à escola**

- Sim - 29
- Não - 2
- As vezes - 11
- Só em reunião - 3

### **Importância do desenvolvimento escolar do aluno**

Todos os pais responderam que sim, mas com justificativas diferentes que envolvem os seguintes eixos:

- 9 pais não responderam
- responderam somente sim e não deram justificativa – 14 pais
- *“Sim, é dos estudos que eles poderão ter um futuro melhor.” – 7 pais*

- *“Sim, para que eles melhore cada dia mais.” – 5 pais*
- *“Sim, por que eles têm mais e mais interesse para vim para a escola.” – 3 pais*
- *“Sim por que ele pode se tornar uma pessoa boa.” – 2 pais*
- *“Sim porque estimula o crescimento da inteligência” – 4 pais*
- *“Sim por que ele não aprende a ficar na rua..” – 1 pai*

#### **Conversa com os professores**

- sim - 22
- não - 3
- as vezes - 11
- só em reunião - 8
- não respondeu - 1

#### **Mantém bom relacionamento com a escola**

- responderam não e não justificaram - 2
- Não responderam – 7
- *“Sim, procuro saber sempre como está a escola.” - 6*
- *“Sim, em festas, reuniões, palestras.” - 12*
- *“Sim, não deixo meus filhos aprontar.” - 4*
- *“Sim estou sempre tentando atender aos pedidos me trazidos através de bilhetes.” - 5*
- *“Sim colaborando com as normas e pedidos da escola e da professora.” - 2*
- *“Sim, mas não tenho muito tempo.” - 5*
- *“Participando do conselho escolar e ajudando no possível, estou fazendo minha parte.” - 2*

#### **Bom relacionamento da escola com os pais**

- responderam que sim, que a escola se preocupa com isso - 40
- responderam que não - 3
- que às vezes - 2

#### **Ajuda nas tarefas em casa**

- sim - 34
- não - 3
- as vezes - 7
- não respondeu - 1

### **Participação dos pais auxilia na aprendizagem**

- 44 responderam sim
- 1 pai respondeu que não
- dos que responderam sim, 27 não justificaram sua resposta

### **Participa de atividades na escola**

- sim - 26
- não - 17
- as vezes - 2
- não respondeu - 5

### **Percepção dos pais para com as dificuldades de aprendizagem do filho na escola**

- 4 pais responderam que não conseguem perceber
- 41 disseram conseguir perceber essa dificuldade.

### **Ajuda nas dificuldades de aprendizagem**

- *“Ensinando e explicando o que tem dificuldade.”* - 12
- *“Tento falar com ele e com a professora.”* - 7
- *“Tento fazer com que eles estudem mais em casa.”* - 11
- *“Oriento ele a pesquisar em livros que tenho em casa e explico o raciocínio para que ele tire as dúvidas através da leitura.”* - 3
- *“Às vezes, tenho que ser um pouco dura com ele, botando-o de castigo lendo, cortando o tempo na televisão e no vídeo-game.”* - 9
- *“Se eu não entendo chamo uma pessoa que possa ajuda-lo.”* - 3

### **Alunos**

#### **Pesquisa realizada com 65 alunos**

##### **Idade dos alunos**

- não respondeu - 2
- 9 anos - 2
- 10 anos - 25
- 11 anos - 18
- 12 anos - 13
- 13 anos - 4

##### **Acompanhamento dos pais**

- sim - 18

- não - 13
- as vezes - 33

#### **Obrigação dos em acompanhar os filhos a escola**

- 55 concordam com essa necessidade,
- 10 acham que não é necessário.

#### **Necessidade dos pais virem a escola**

- 22 disseram que não precisa,
- 43 disseram que esta vinda é necessária.

#### **Os pais querem saber como os filhos andam na escola**

- 45 dos alunos responderam apenas “sim”.
- A resposta “as vezes” foi citada 2 vezes
- 18 dos alunos responderam, sim ou as vezes, mas com justificativa

#### **Eixo de justificativas selecionadas**

- *“às vezes não, mas quando o chega perto do final das aulas eles ficam mais preocupados.”*
- *“Sim eles querem saber como estou na escola”*
- *“Sim para saber como está meu comportamento e meus deveres.”*
- *“sim, porque minha mãe e meu pai são muito preocupados comigo.”*
- *“sim, às vezes, eles perguntam como estou e pergunta sobre as notas.”*

#### **Pais conversam com os professores**

- 7 alunos responderam somente “não” sem nenhuma justificativa
- 32 destes responderam somente “sim”
- 18 responderam somente “às vezes”
- 8 alunos responderam sim ou às vezes justificando sua resposta

#### **Eixos de respostas escolhidos**

- *“É muito difícil ela só fala com a professora quando é a última reunião”*
- *“Às vezes na reunião ou eles vêm e conversam com a professora sem ser em reunião.”*
- *“Mais ou menos, conversam só na reunião.”*
- *“Sim a minha mãe vem sempre a escola.”*
- *“Sim conversam sobre as minhas notas e o meu comportamento.”*

#### **Gosta de estudar nesta escola**

- 29 alunos responderam que não gostam de estudar na escola

- 21 que sim
- 15 que as vezes gostam

**Entre os eixos de respostas pode-se destacar:**

- *“Sim porque tem professores bons e o diretor também.”*
- *“Sim porque tem menos barulho e mais espaço.”*
- *“As vezes por que o lanche é muito ruim e a escola está caindo aos pedaços.”*
- *“Não porque faz muito calor e a escola é de madeirite.”*
- *“Não porque não tem uma biblioteca para a gente fazer uma pesquisa.”*
- *“Não por que não há segurança e conforto.”*

**Pais auxiliam nas tarefas**

- sim - 42
- não - 7
- as vezes - 15

**Eixos de respostas selecionadas**

- *“As vezes quando está difícil.”*
- *“Não a minha mãe só faz quando a atividade é pra ela.”*
- *“Não são muito ocupados..”*
- *“Sim porque gosta de me ver estudando.”*
- *“Sim, mas só a minha mãe.”*

**O que ocorre quando os pais auxiliam nas tarefas de casa**

- *“Eles brigam quando o caderno está bagunçado.” - 11*
- *“Nada.” - 18*
- *“Eles não me ajudam.” - 9*
- *“Eu aprendo as coisas que eu tinha dúvida quando eles me explicam.” - 13*
- *“Eles não vem as atividades eles não gostam.” - 4*
- *“Eu acerto a maioria.” - 5*
- *“Eu fico muito alegre.” - 5*

**Participação dos pais nas atividades da escola**

- 47 responderam que sim
- 18 que não participam.

**Comentários**

- *“Sim porque ele tem tempo.”*
- *“Quando tem reuniões de pais e festa na escola.”*

- “Porque minha mãe não tem tempo e meu pai não gosta.”
- “Porque ela gosta de participar.”
- “Não porque ela não pode faltar ao trabalho.”
- “Porque eles chegam cansados.”

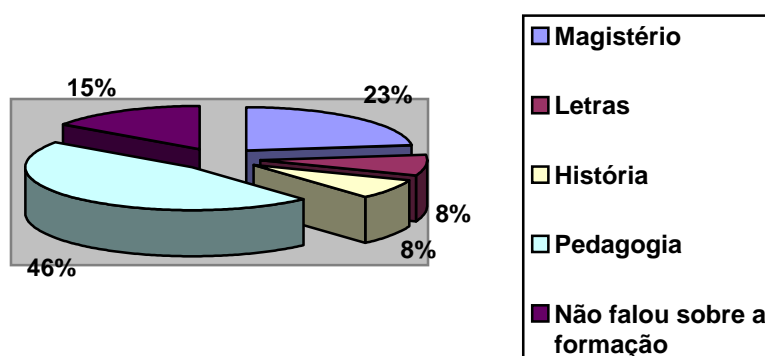
#### Como os pais ajudam nas dificuldades

- “Sim, mandando resolver com calma.” - 10
- “Sim eles me colocam em aula de reforço paga ou na escola.” - 7
- “Me explicando até eu dar conta de fazer.” - 18
- “Sim me explicando e fazendo outros deveres em folhas pra mim..” - 9
- “Ela dá um exemplo..” - 3
- “Conversando com a professora e vendo o que está acontecendo comigo.” - 7
- “Sim da forma que aprenderam.” – 11.

#### 4.2. Análise dos Resultados – Professores

Participaram da pesquisa 10 professores da 4ª série do Ensino Fundamental, observando-se uma formação variada como se apresenta a seguir. Cabe ressaltar que no mapeamento e apresentação dos resultados foram selecionadas respostas entre os informantes para demonstrar a relevância do tema, pois há uma homogeneidade nas respostas o que facilita a sua classificação e exemplificação cabendo ressaltar que as respostas foram escolhidas aleatoriamente em cada questão.

Gráfico 01 – Formação dos professores



Dentre os professores pesquisados nota-se que 46% têm graduação em pedagogia, visto que é uma licenciatura oferecida para professores em exercício na



função das séries iniciais no ensino fundamental. Dentre os professores pesquisados dois já terminaram uma graduação e atualmente estão cursando outra. Do total de pesquisados 70% estão na educação entre 2 e 10 anos e os demais na sala de aula a mais de 10 anos, com um professor atuando a 17 anos. Isso demonstra que esses professores têm experiência na área de educação.

Em relação ao acompanhamento dos pais para com os alunos na escola houve quase unanimidade dos professores em responder que esse acompanhamento ocorre somente de vez em quando e por apenas alguns pais. Para melhor observação selecionou-se algumas respostas que evidenciam isso:

Tabela 01 – Acompanhamento dos pais ou responsáveis

Informante 01	<i>“Alguns pais acompanham, mas a maioria só que saber se no final do ano o filho vai ser aprovado.”</i>
Informante 02	<i>“Infelizmente a maioria dos pais não acompanham a vida escolar de seus filhos.”</i>
Informante 03	<i>“Não, a participação acontece quando a professora sente necessidade de comunicação.”</i>
Informante 04	<i>“Na maioria dos casos o acompanhamento ocorre de vez em quando”</i>

Com esses dados pode-se analisar que a participação de pais e responsáveis é muito pequena em relação a quantidade de alunos que a escola atende. Apenas um professor propõe que esta participação ocorre: *“desde a primeira aula que eles tiveram, são acompanhados. Para e voltar para as tarefas, participar de encontros, reuniões de pais, pesquisas de trabalhos e tudo que for preciso para o desenvolvimento.”* Observa-se nesta uma certa destoação de todo grupo de professores que não pode deixar de ser considerada.

Quanto a importância da participação dos pais ou responsáveis para que o educando se desenvolva obteve-se respostas bem homogêneas com todos os pesquisados considerando essa participação importante em que podemos destacar as seguintes respostas:

Tabela 02 – Importância da participação dos pais para o desenvolvimento do aluno

Informante 01	<i>“Sim, para o desenvolvimento cognitivo é necessário o envolvimento de todos no processo de construção..”</i>
Informante 02	<i>“A formação educacional não é responsabilidade somente do professor, o pai é um agente formador da educação do filho e da sua formação de cidadania.”</i>
Informante 03	<i>“Importante, essencial uma vez que a criança tendo assistência em casa o seu rendimento e interesse é maior..”</i>
Informante 04	<i>“A participação dos pais no desenvolvimento da criança tem fundamental importância, pois ela precisa sentir que além da escola existe alguém interessado na sua aprendizagem, não só no sentido de cobrar, mas de ensinar e aprender juntos.”</i>
Informante 05	<i>“Mesmo os pais não tendo nenhuma escolaridade ele podem contribuir, incentivando, dando bons conselhos, educando seus filhos.”</i>

Com isso pode-se perceber que é unanimidade dos professores sobre a relevância da participação dos pais para que ocorra o desenvolvimento da criança como um todo na sala de aula. Assim, se faz necessário buscar a cada dia essa participação para que a escola e a comunidade saiam ganhando nessa luta.

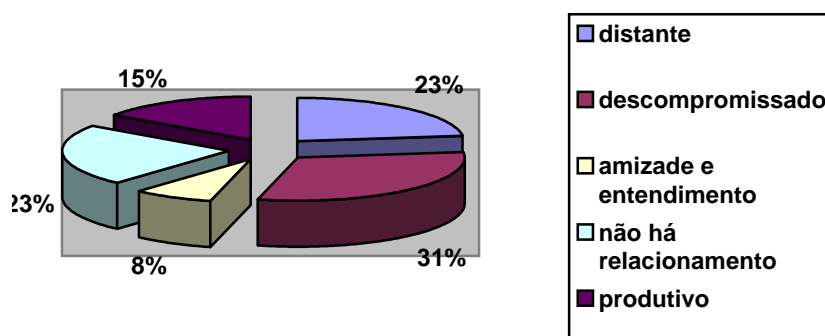
Quanto à necessidade de conversar com os pais podemos observar o seguinte:

Tabela 03 – Necessidade de conversar com os pais

Informante 01	<i>“Quando observo que a criança não está desenvolvendo como o esperado, sinto necessidade de descobrir o que está por trás, para tentar ajudar no aprendizado..”</i>
Informante 02	<i>“Sempre, pois todos os dias os alunos apresentam desenvolvimento e surgem novos problemas.”</i>
Informante 03	<i>“Quando não realiza a atividade e se torna infrequente..”</i>
Informante 04	<i>“Quando percebo que o interesse da criança diminuiu e ela passa a ir para a escola somente para estar presente. As tarefas escolares não lhe chamam a atenção.”</i>

Todas as informações obtidas nesse questionamento giraram sob este eixo de respostas, problemas no aprendizado, surgimento de novos problemas, infrequência e falta de interesse. Percebe-se assim que os professores são observadores e tem condições de detectar problemas mais sérios, caso ocorram.

Gráfico 02 – Relacionamento dos pais ou responsáveis com a escola



A observação do gráfico acima mostra que este relacionamento é comprometido nesta instituição, pois a maioria dos pais são descompromissados, distantes e não se relacionam com a escola o que poderia melhorar o desenvolvimento da criança. Apenas 15% dos professores consideram o relacionamento positivo e produtivo, evidenciando um distanciamento grande entre escola e comunidade.

Tabela 04 – Acompanhamento das atividades em casa

Informante 01	<i>“Poucos pais acompanham os filhos na execução dos deveres de casa. Muitos pais fazem no lugar do filho.”</i>
Informante 02	<i>“Alguns pais acompanham.”</i>
Informante 03	<i>“Não, pois o que eu posso observar é que os pais não tem esse cuidado ou não possui grau de conhecimento para resolver problemas dos filhos..”</i>
Informante 04	<i>“A maioria não se interessa em ajudar as crianças, por conseguinte, essas crianças raramente as realizam e apresentam maior dificuldade.”</i>

A observação deste questionamento nos leva a compreender que são poucos os pais que auxiliam os filhos nos estudos e atividades de casa e isso se deve a diversos fatores como: falta de tempo, falta de grau de instrução, falta de interesse entre outros. Com isso, quem fica prejudicada é a criança que não pode contar com a participação dos pais no auxílio de atividades em casa o que dificulta seu rendimento na sala de aula.

Tabela 05 – Facilitação da aprendizagem pelo apoio dos pais

Informante 01	<i>“Com certeza. A criança demonstra ser mais responsável e segura.”</i>
Informante 02	<i>“Acredito que sim, pois os pais conseguem dar um atendimento mais de perto das dificuldades do seu filho.”</i>
Informante 03	<i>“Sim, na escola as coisas são mais formais, sem falar na questão da afetividade.”</i>
Informante 04	<i>“Com certeza, as vezes ajuda na concretização do aprendizado em sala de aula.”</i>

Observa-se aqui que houve uma unanimidade dos professores, apesar de destacarem vertentes diferentes dessa importância, em dizer que o apoio dos pais facilita a aprendizagem, estimula o aluno e o faz acreditar em seu potencial. Mas, infelizmente como já pudemos observar nem todos os pais têm consciência disso.

Quanto à existência de projetos de integração dos pais na escola observa-se que além das reuniões bimestrais e datas comemorativas não há. Isso é demonstrado por todos os professores pesquisados sendo que alguns destacam que se existe está engavetado. Com isso pode-se destacar que a escola perde a oportunidade de estabelecer parcerias e ampliar o processo ensino-aprendizagem proporcionando ao aluno um maior desenvolvimento de seu potencial educativo.

Tabela 06 – Atuação da escola para trazer a família para participação efetiva

Informante 01	<i>“A escola se empenha bastante para que os pais se interessem mais pela educação de seus filhos.”</i>
Informante 02	<i>“Principalmente, quando há interesse partidário (político) incentivado, é claro, pelo governo.”</i>

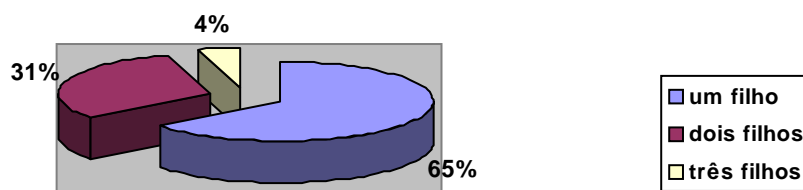
Informante 03	<i>“A escola na verdade teme que os pais participem efetivamente dela. Por isso, alguns são convocados para participarem do Conselho Escolar, mas só fica quem aceita ser manipulado.”</i>
Informante 04	<i>“Observo tentativas de busca dessa parceria, mas, não posso citar nenhum resultado.”</i>
Informante 05	<i>“Deixa a desejar. Direção e professores não sabem trabalhar com essa questão. O correto seria, mas estão sempre ocupados com outros objetivos que vão deixando de lado essa questão.”</i>
Informante 06	<i>“A escola ainda não simpatiza essa idéia.”</i>

Podemos observar aqui que as opiniões são variadas e que na verdade a escola ainda não consegue lidar diretamente com este problema, pois não busca a participação efetiva dos pais. Essa questão precisa ser revista, pois a participação dos pais é importante na construção de uma educação diferenciada em que os objetivos propostos são alcançados com maior facilidade proporcionando a construção de uma nova educação.

Quanto ao incentivo da Secretaria de Educação para que esta parceria ocorra os professores foram unânimes em dizer que esta não ocorre, sendo que um professor destacou que quando ocorre não tem interesses sociais e sim político-partidários. Percebe-se que isso não ocorre somente nesta escola, mas no sistema como um todo e com isso os pais são meras figuras decorativas que não podem intervir no processo educativo de seus filhos. A falta de incentivo dessa participação gerou a escola que temos hoje.

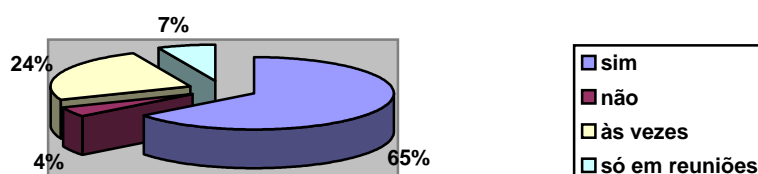
#### **4.3. Análise dos Resultados – Pais**

A pesquisa obteve as informações que aqui serão apresentadas com a participação de 45 pais que tem filhos nesta escola e que se dispuseram a responder. A maior dificuldade neste processo foi encontrar pais alfabetizados que tivessem interesse em participar. Mesmo porque em qualquer momento que se pede para que respondam a um questionário o principal interesse está em saber o benefício que receberão por isso.



Este gráfico nos mostra que a maioria dos pais tem somente um filho nesta escola e sendo esta a mais próxima desta comunidade não justifica ter filhos em outras escolas levando a conclusão de que na maioria dos casos o número de filhos em idade escolar é reduzido. Com isso podemos concluir que não há justificativa para tanto desinteresse como relata os professores, pois ajudar muitos filhos nas atividades escolares pode ser complicado, principalmente quando o grau de instrução é baixo, mas neste caso, ao que parece falta estímulo e a compreensão da importância dessa participação.

Gráfico 04 – Visita a escola



Com esses resultados observamos que os pais vão sempre a escola, contudo, o que pode estar ocorrendo é que estas visitas não estão sendo bem aproveitadas. É preciso que pais, professores, gestores e alunos sejam conscientizados da relevância da participação e não da visita na escola. Os pais devem ser convidados a construir juntamente com a comunidade escolar uma nova educação.

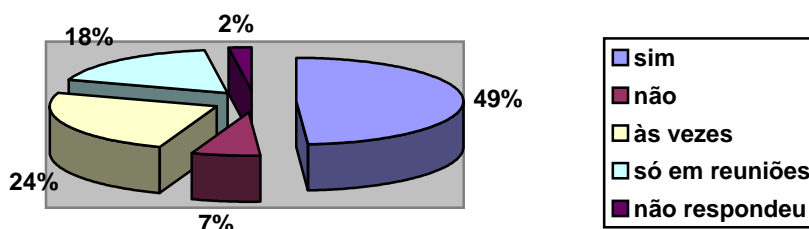
Quanto a importância do desenvolvimento escolar dos filhos os pais foram unânimes em responder que sim. Quanto as justificativas desta afirmação destacamos:

Tabela 07 – Importância do desenvolvimento escolar do aluno

Informante 01	<i>“Sim, é dos estudos que eles poderão ter um futuro melhor.”</i>
Informante 02	<i>“Sim, para que eles melhore cada dia mais.”</i>
Informante 03	<i>“Sim, por que eles têm mais e mais interesse para vim para a escola.”</i>
Informante 04	<i>“Sim por que ele pode se tornar uma pessoa boa.”</i>
Informante 05	<i>“Sim porque estimula o crescimento da inteligência”</i>
Informante 06	<i>“Sim por que ele aprende a ficar na rua..”</i>

Cabe observar que muitos pais, cerca de 20% não responderam a este questionamento, outros 30% somente responderam que sim, mas não justificaram. Entre os que conseguiram dar uma resposta e justificar destacamos que cerca de 50% acreditam que o desenvolvimento escolar é uma forma de garantir o futuro melhor. As respostas destacadas acima demonstram a pouca compreensão dos pais quanto aos aspectos do desenvolvimento escolar e com isso fica dificultada a participação, por falta de conhecimento e de conscientização da relevância deste processo.

Gráfico 05 – Conversa com os professores



Esse gráfico confirma os resultados do anterior em que observamos a pertinência das visitas dos pais na escola. Contudo, há que se ressaltar que mesmo

indo muito a escola os pais nem sempre conversam com os professores e aqui grande parte diz que só tem essa oportunidade nas reuniões de pais. Com isso, conclui-se que a falta de comunicação e diálogo pode estar influenciando na participação e no entendimento dos pais para a importância do processo de aprendizagem dos filhos.

Tabela 08 – Mantém bom relacionamento com a escola

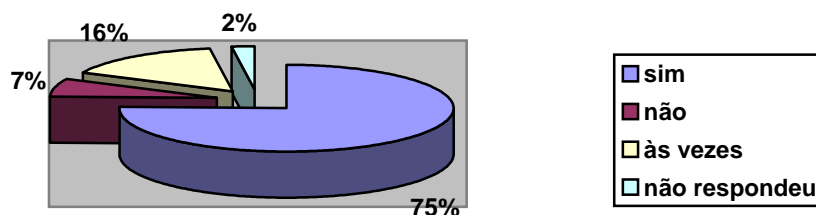
Informante 01	<i>“Sim, procuro saber sempre como está a escola.”</i>
Informante 02	<i>“Sim, em festas, reuniões, palestras.”</i>
Informante 03	<i>“Sim, não deixo meus filhos aprontar.”</i>
Informante 04	<i>“Sim estou sempre tentando atender aos pedidos me trazidos através de bilhetes.”</i>
Informante 05	<i>“Sim colaborando com as normas e pedidos da escola e da professora.”</i>
Informante 06	<i>“Sim, mas não tenho muito tempo.”</i>
Informante 07	<i>“Participando do conselho escolar e ajudando no possível, estou fazendo minha parte.”</i>

Estes resultados demonstram que os pais não têm um conceito bem definido do que seja uma boa relação. Com base nas respostas destacadas podemos observar que para a maioria a boa relação está ligada a colaboração e outros não têm tempo para estar desenvolvendo este aspecto. Cabe ressaltar que neste questionamento alguns pais, cerca de 4% responderam que não procuram manter uma boa relação com a escola, contudo, não justificaram sua resposta. Outros 15% não responderam ao questionamento.

Quanto à escola manter um bom relacionamento com os pais, 90%, responderam que sim, que a escola se preocupa com isso. 6% responderam que não e 4% que às vezes. Neste contexto, podemos analisar que em relação ao questionamento anterior não há uma dissonância, pois para os pais a boa relação é recíproca e mútua. Com isso, pode-se concluir que é preciso unir esforços para que todas essas barreiras sejam vencidas, de modo a proporcionar uma educação diferenciada às crianças desta instituição.



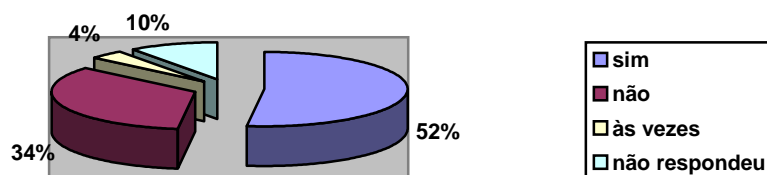
Gráfico 06 – Ajuda nas tarefas em casa



Esse gráfico contradiz o que os professores citaram em relação a esse tema, pois aqui os pais demonstram, mesmo que a sua maneira, ajudar seus filhos nas atividades de casa. É importante destacar que essa ajuda, às vezes, é simbólica, pois os pais não são alfabetizados e quando não conseguem acompanhar o grau de dificuldades das atividades propostas, especialmente quando os alunos já estão na 4ª série.

Quanto à participação dos pais auxiliar na facilitação do aprendizado do aluno 99% dos pais disseram que sim, contudo, cerca de 60% destes pais não justificaram sua resposta. Entre os que justificaram podemos destacar respostas como: *“por que o aluno vê que os pais se importam com eles”*; *“porque os pais têm a obrigação de ensinar os filhos”*; *“por que se os pais não mostrarem que tem interesse na vida estudantil do filho, este perde o interesse”*. Com isso podemos analisar que alguns pais compreendem essa necessidade e a relevância do seu auxílio na construção da aprendizagem. Falta na realidade uma maior conscientização dos pais, bem como propostas de formação para que estes consigam ampliar seu conhecimento e ajudar mais seus filhos.

Gráfico 07 – Participa de atividades na escola



Neste gráfico observamos que grande parte dos pais não participam das atividades da escola. A maioria deles alega a falta de tempo, contudo, cerca de 10% destes dizem não ter conhecimento de atividades desenvolvidas na escola direcionadas aos pais. Observa-se também que grande parte dos pais acham que eventos na escola se resumem a reuniões e festas comemorativas. Isso mostra que realmente o trabalho da escola não tem sido significativo em mostrar a esses pais a importância de sua participação propiciando momentos de interação e aprendizagem.

Quanto à percepção dos pais para com as dificuldades de aprendizagem do filho na escola apenas 7% pais responderam que não conseguem perceber. O restante, 93%, disseram conseguir perceber essa dificuldade. Entre os principais eixos de respostas destacam-se:

Tabela 09 – Ajuda nas dificuldades de aprendizagem

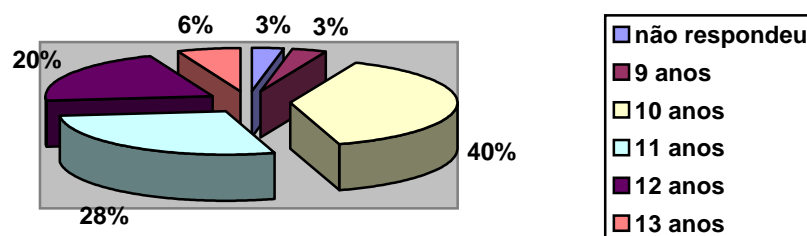
Informante 01	<i>“Ensinando e explicando o que tem dificuldade.”</i>
Informante 02	<i>“Tento falar com ele e com a professora.”</i>
Informante 03	<i>“Tento fazer com que eles estudem mais em casa.”</i>
Informante 04	<i>“Oriento ele a pesquisar em livros que tenho em casa e explico o raciocínio para que ele tire as dúvidas através da leitura.”</i>
Informante 05	<i>“Às vezes, tenho que ser um pouco dura com ele, botando-o de castigo lendo, cortando o tempo na televisão e no vídeo-game..”</i>
Informante 06	<i>“Se eu não entendo chamo uma pessoa que possa ajudá-lo.”</i>

A partir das respostas acima, podemos destacar que alguns pais fazem com que a criança estude em casa, pesquise, coloque de castigo – o que não é ideal – ou seja, tira a responsabilidade total do professor assumindo de forma a auxiliar seu filho. Outros, porém, acreditam que a professora é que precisa resolver este problema, incentivando inclusive, aulas de reforço. O que fica claro na maioria das respostas é que os pais não se acham responsáveis por esse trabalho e querem sempre jogar para a escola a solução. Contudo, é preciso mudar essa cultura, fazendo com que cada uma assuma seu papel e busque melhorar os dois lados da questão: o papel dos pais e a função da escola. O trabalho em conjunto se configura na melhor alternativa para este problema.

#### 4.4. Análise dos resultados – alunos

As análises compreendidas aqui é o resultado do instrumento de pesquisa aplicado aos alunos da referida escola. Os alunos pertencem a 4ª de duas turmas. O primeiro questionamento levantou o nome, a idade e a série dos alunos. Os resultados foram os seguintes:

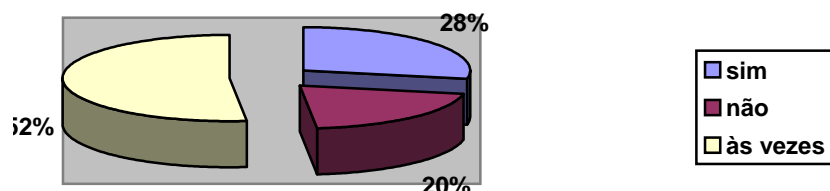
Gráfico 08 – Idade dos alunos



O gráfico acima revela que há uma variação entre os alunos com relação a idade. Observa-se neste resultado que a defasagem idade/série é alta, pois há 26% dos alunos com mais de 11 anos nesta série. Considerando que o aluno inicia com 7 anos na 1ª série, o ideal seria que estivesse com 11 anos na 4ª série.

Com relação ao acompanhamento dos pais aos alunos na escola observa-se o seguinte resultado:

Gráfico 09 – Acompanhamento dos pais



Quanto à obrigação dos pais virem a escola para acompanhar os filhos esta foi a opinião dos alunos, 84% concordam com essa necessidade, já os outros 26%

acham que não é necessário. Essa questão é cultural e inerente a fase em que se encontra as crianças, adolescência. Primeiro os pais, na maioria dos casos, não se sentem responsáveis pela educação dos filhos deixando para a escola a solução de todos os problemas. Já os filhos se acham “grandes” o suficiente para tomarem conta da própria vida, não precisando de seus pais para os acompanharem até a escola ou cuidar de sua aprendizagem.

Para os alunos pesquisados a necessidade dos pais vir a escola é grande, pois 33% disseram que não precisa, porém 77% disseram que esta vinda é necessária. Encontramos aqui a necessidade dos alunos de que seus pais participem de alguma forma de sua vida estudantil. Ao que se pode perceber esta participação é bem vista e com certeza auxilia na auto-estima dos alunos e facilita o trabalho dos professores.

Em relação aos pais quererem saber como a criança está na escola observa-se que 70% dos alunos responderam apenas “sim”. A resposta “às vezes” foi citada duas vezes, ou seja, 3% e 27% dos alunos responderam, sim ou as vezes, mas com justificativa das quais podemos destacar as seguintes respostas:

Tabela 10 – Pais querem saber como está o filho

Informante 01	<i>“às vezes não, mas quando o chega perto do final das aulas eles ficam mais preocupados.”</i>
Informante 02	<i>“Sim eles querem saber como estou na escola”</i>
Informante 03	<i>“Sim para saber como está meu comportamento e meus deveres.”</i>
Informante 04	<i>“sim, porque minha mãe e meu pai são muito preocupados comigo.”</i>
Informante 05	<i>“sim, às vezes, eles perguntam como estou e pergunta sobre as notas.”</i>

Com isso pode-se observar que o eixo de resposta está sobre a preocupação dos pais com os alunos, sobre o final do ano letivo com a questão do ser aprovado ou não e sobre as notas. Não se mostrou explicitamente nas questões em nenhum momento que havia preocupação dos pais com o processo de aprendizagem de seus filhos, sobre como a professora trabalha em sala de aula e outros pormenores

dos quais nos preocupamos diariamente. É preciso observar que neste questionamento nenhum aluno disse que os pais não vinham à escola.

Sobre os pais conversarem com os professores observou-se que 11% dos alunos responderam somente “não” sem nenhuma justificativa; 49% destes responderam somente “sim”; 28% responderam somente “às vezes”; e 12% dos alunos responderam sim ou às vezes justificando sua resposta das quais temos os seguintes eixos de respostas:

Tabela 11 – Conversam com os professores

Informante 01	<i>“É muito difícil ela só fala com a professora quando é a última reunião”</i>
Informante 02	<i>“Às vezes na reunião ou eles vêm e conversam com a professora sem ser em reunião.”</i>
Informante 03	<i>“Mais ou menos, conversam só na reunião.”</i>
Informante 04	<i>“Sim a minha mãe vem sempre a escola.”</i>
Informante 05	<i>“Sim conversam sobre as minhas notas e o meu comportamento.”</i>

Com esta tabela podemos observar que alguns pais tem o compromisso de conversar com os professores, saber não somente de notas, mas também do comportamento, contudo, não se observa nenhuma necessidade de se saber sobre o processo de aprendizagem, que é fundamental para o desenvolvimento da criança na escola.

Quanto a gostar de estudar na escola observa-se que nenhum alunos respondeu sim, “às vezes ou não sem justificar o por que de sua resposta. Cabe ressaltar que 48% dos alunos responderam que não gostam de estudar na escola, 32% que sim e 30% que às vezes gostam. Entre os eixos de respostas pode-se destacar:

Tabela 12 – Gosta de estudar na escola

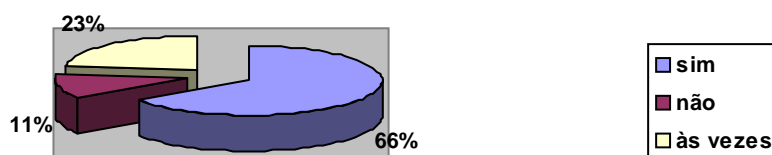
Informante 01	<i>“Sim porque tem professores bons e o diretor também.”</i>
Informante 02	<i>“Sim porque tem menos barulho e mais espaço.”</i>
Informante 03	<i>“Às vezes por que o lanche é muito ruim e a escola está caindo aos pedaços.”</i>

Informante 04	<i>“Não porque faz muito calor e a escola é de madeirite.”</i>
Informante 05	<i>“Não porque não tem uma biblioteca para a gente fazer uma pesquisa.”</i>
Informante 06	<i>“Não por que não há segurança e conforto.”</i>

Nesta tabela podemos observar que somente um eixo demanda para a aprendizagem que é a falta de uma biblioteca na escola e de condições para o professor trabalhar. Essa resposta foi dada por aproximadamente 8% dos alunos. O restante como se pode observar reclamou da questão física e administrativa como o calor, o descuido com a escola, o lanche e a falta de conforto. Isso faz com que a nossa conclusão é de que o ambiente é fundamental a aprendizagem e a boa convivência dos alunos. O número de crianças que reclamaram da estrutura física e do calor é cerca de 80% e por isso é preciso que se faça algo com urgência para que essas crianças tenham a oportunidade de aprender de forma significativa.

Em relação aos pais ou responsáveis auxiliarem nas tarefas de casa temos os seguintes resultados:

Gráfico 10 – Pais auxiliam nas tarefas



Dos alunos pesquisados somente aproximadamente 12% justificaram suas respostas. Os restantes responderam “sim”, “não” e “às vezes”. Entre os que justificaram podemos destacar algumas falas que ajudam a compreender a dimensão da necessidade que essas crianças têm que os pais as ajudem em casa.

Tabela 13 – Pais ajudam nas atividades de casa

Informante 01	<i>“As vezes quando está difícil.”</i>
Informante 02	<i>“Não a minha mãe só faz quando a atividade é pra ela.”</i>

Informante 03	<i>“Não são muito ocupados..”</i>
Informante 04	<i>“Sim porque gosta de me ver estudando.”</i>
Informante 05	<i>“Sim, mas só a minha mãe.”</i>

Com isso observa-se que os pais estão ajudando, mas talvez não da forma ideal, pois o acompanhamento, a busca do tempo para sentar e conversar sobre o dia na escola é fundamental para que a criança consiga desenvolver-se plenamente e com maior rapidez, pois é um processo que não depende somente da criança, mas também dos pais e da escola.

Em relação ao que ocorre quando os pais auxiliam nas atividades de casa podemos destacar os seguintes eixos teóricos.

Tabela 14 – O que ocorre quando os pais auxiliam nas tarefas de casa

Informante 01	<i>“Eles brigam quando o caderno está bagunçado.”</i>
Informante 02	<i>“Nada.”</i>
Informante 03	<i>“Eles não me ajudam.”</i>
Informante 04	<i>“Eu aprendo as coisas que eu tinha dúvida quando eles me explicam.”</i>
Informante 05	<i>“Eles não vem as atividades eles não gostam.”</i>
Informante 06	<i>“Eu acerto a maioria.”</i>
Informante 07	<i>“Eu fico muito alegre.”</i>

Estes eixos de respostas demonstram como é importante que os pais participem deste momento dos filhos, especialmente pela felicidade que proporcionam a eles. Alguns alunos não consideram esta participação importante, talvez pelo fato de não a terem, porém outros ficam alegres e felizes quando os pais ajudam demonstrando que a relação familiar influencia no processo de aprendizagem.

Quanto à participação dos pais nas atividades da escola 72% responderam que sim e 28% que não participam. Nesta questão pedia-se o comentário de como ocorre esta participação cabendo observar que aproximadamente 40% dos alunos não comentaram a sua resposta. Entre os comentários observados pode-se destacar os seguintes:

Tabela 15 – Participação nas atividades desenvolvidas

Informante 01	<i>“Sim porque ele tem tempo.”</i>
Informante 02	<i>“Quando tem reuniões de pais e festa na escola.”</i>
Informante 03	<i>“Porque minha mãe não tem tempo e meu pai não gosta.”</i>
Informante 04	<i>“Porque ela gosta de participar.”</i>
Informante 05	<i>“Não porque ela não pode faltar ao trabalho.”</i>
Informante 06	<i>“Porque eles chegam cansados.”</i>

A maioria dos alunos ressaltaram que seus pais não gostam ou não têm tempo para participar das reuniões da escola e com isso deixam a educação de seus filhos praticamente nas mãos dos professores. Sente-se nas respostas que muitas crianças gostariam que seus pais participassem da escola e de suas atividades. Isso faz com que repensemos a nossa prática e busquemos integrar mais as famílias na escola e no processo educativo de seus filhos.

Com relação à forma como os pais ajudam nas dificuldades que os alunos apresentam destacam-se as seguintes respostas:

Tabela 16 – Como os pais ajudam nas dificuldades

Informante 01	<i>“Sim, mandando resolver com calma.”</i>
Informante 02	<i>“Sim eles me colocam em aula de reforço paga ou na escola.”</i>
Informante 03	<i>“Me explicando até eu dar conta de fazer.”</i>
Informante 04	<i>“Sim me explicando e fazendo outros deveres em folhas pra mim..”</i>
Informante 05	<i>“Ela dá um exemplo..”</i>
Informante 06	<i>“Conversando com a professora e vendo o que está acontecendo comigo.”</i>
Informante 07	<i>“Sim da forma que aprenderam.”</i>

As respostas acima nos mostram que os pais ajudam, mas nem sempre da maneira correta que é explicando, dando exemplos, revendo o conteúdo com o aluno. Todos nós professores devemos buscar auxiliar os pais neste processo, pois nem sempre eles sabem da importância da sua participação na educação dos filhos,



bem como da necessidade que essas crianças têm da sua presença e da sua palavra nos momentos de dificuldades.

#### **4.5. Discussão de Dados por Categoria**

##### **Categoria I: Participação da Família na Escola**

De acordo com os dados obtidos junto aos professores, alguns se expressaram afirmando que para haver um bom desenvolvimento cognitivo é necessário o envolvimento de todos no processo de construção e que a responsabilidade não é somente do professor. O pai ou responsável é um agente transformador da educação do filho e da sua formação de cidadania. A criança que tem assistência em casa tem o rendimento e interesse maior, mesmo os pais ou responsáveis não tendo escolaridade, eles podem contribuir incentivando, aconselhando e educando seus filhos.

A participação dos pais no desenvolvimento da criança tem fundamental importância, pois ela precisa sentir que além da escola existe alguém interessado na sua aprendizagem, não só no sentido de cobrar, mas de ensinar e aprender juntos.

Assim, para Wallon, a aprendizagem somente se constitui a partir das relações com o mundo social. A formação é resultado da relação com os pais, irmãos, colegas e todo e qualquer ser humano. Portanto, a participação da família no processo ensino-aprendizagem é fundamental para que se incorpore novos valores neste processo e se consiga vencer todas as barreiras a ele impostas.

Segundo Piaget (1973, p. 27) “a criança desenvolve seu conhecimento à medida que se relaciona com o mundo exterior. Durante seu crescimento, a criança passa por momentos de adaptações com as novas situações”. Ele entende assimilação como a incorporação de elementos novos. Elas tentam assimilar novas situações com as antigas já vivenciadas. A criança necessita de um acompanhamento efetivo. Muitas vezes alegam não precisarem dessa contribuição por parte do adulto, no entanto, sentem muita satisfação em saber que alguém se preocupa com ele.

Os pais por sua vez justificam sua participação ensinando e explicando no que o filho tem dificuldade, procurando a professora para conversar, orientando nas pesquisas em livros. Às vezes, quando há reclamações dos professores, os pais agem energicamente, tirando as diversões domésticas, tais como: videogame e televisão.

## **Categoria II: O Professor e a Família**

Os escritos teóricos de BARROS (1998, p. 45), mostram que a aprendizagem pode ser distinguida em casual e organizada. A aprendizagem casual é quase sempre espontânea, surge naturalmente da interação entre as pessoas e com o ambiente em que vivem, ou seja, pela convivência social, pela observação de objetos e acontecimentos, pelo contato com os meios de comunicação, leituras, conversas etc. As pessoas vão acumulando experiências adquirindo conhecimentos, formando atitudes e convicções.

De acordo com a teoria OUTEIRAL e CEREZER (2003, p. 58), a tarefa de ensinar em nossa sociedade não está concentrada apenas nas mãos dos professores. O aluno não aprende apenas na escola, mas também através da família, dos amigos, de pessoas que ele considera importantes dos meios de comunicação de massa, das experiências do cotidiano e dos movimentos sociais.

No entanto, segundo Marques (2000, p. 18), a realização do acolhimento e da socialização dos alunos pressupõe o enraizamento da escola na comunidade. A interação entre equipe escolar e alunos, pais e outros agentes educativos possibilitam a construção de projetos que visam a melhor e mais completa formação do aluno.

A ampla gama de conhecimentos construídos no ambiente escolar ganham sentido quando há interação contínua e permanente entre o saber escolar e os demais saberes, entre o que o aluno aprende na escola e o que ele traz para a escola.

Observou-se nas respostas dos professores que a família em sua grande maioria, tem deixado a desejar, quando se refere ao acompanhamento dos pais ou responsáveis para com os alunos na escola. Houve quase unanimidade dos professores em responder que o acompanhamento ocorre de vez em quando e por alguns pais. Pode-se observar que o professor realiza as atividades em sala e quando os alunos levam algumas atividades para casa na maioria das vezes não pode contar com o auxílio dos pais ou responsáveis, por diversos fatores, tais como: falta de tempo, pais não alfabetizados, etc.

## **Categoria III: A Família, o Professor e o Processo de Aprendizagem**

As famílias dessa comunidade, de acordo com a coleta de dados, em sua maioria, têm grau de instrução baixo, baixa renda e demonstram incapacidade em auxiliar seus filhos em suas atividades domésticas. Embora vá sempre à escola, pois os pais ou responsáveis almejam que seus filhos venham a ter um futuro melhor, diferente do que vivem, sendo privados muitas vezes do básico.

A falta de comunicação e diálogo pode estar influenciando na participação e no entendimento dos pais para a importância do processo de aprendizagem dos filhos.

Os pais demonstram não terem um conceito definido do que seja uma boa relação. Observa-se que para a maioria a boa relação está ligada à colaboração e outros não têm tempo para estar desenvolvendo este aspecto.

Os professores disseram que alguns pais acompanham, mas a maioria só quer saber da aprovação do filho no final do ano. Outros disseram que infelizmente, a maioria dos pais não acompanham a vida escolar de seus filhos.

O processo de aprendizagem fica aquém do que se espera. De acordo com os escritos teóricos de Barros (1998, p.36), mostram que a aprendizagem pode ser distinguida em casual e organizada. A aprendizagem casual é quase sempre espontânea, surge naturalmente da interação entre as pessoas e com o ambiente em que vivem, ou seja, pela convivência social, pela observação de objetos e acontecimentos, pelo contato com os meios de comunicação, leituras, conversas etc. Os alunos vão acumulando experiências, adquirindo conhecimentos formando atitudes e convicções.

A aprendizagem escolar é assim, um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental organizados e orientados no processo de ensino (Barros, 1998,p.36).

A implantação de projetos de integração dos pais na escola poderá estabelecer parcerias e ampliar o processo ensino-aprendizagem proporcionando ao aluno um maior desenvolvimento de seu potencial.

Os pais devem ser convidados a construir juntamente com a comunidade escolar uma nova educação, pois segundo Vigotsky “com o desenvolvimento do pensamento, o próprio comportamento da criança passa a ser orientado pelas interações que estabelece”. (Vigotsky, apud. Emilia. 2003, p.130).

Diante de tantos fatores observados nessa pesquisa, que haja uma maior compreensão e mudanças de atitudes em relação aos pais, levando em

consideração o nível intelectual dos mesmos. Faz-se necessário buscar a cada dia a participação dos pais ou responsáveis para que a escola e a comunidade saiam ganhando nessa luta.

## **V - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por diversas razões e, principalmente, pelos condicionantes da evolução histórica do sistema escolar brasileiro, não se conseguiu, até o momento, desenvolver junto às escolas uma programa abrangente de relacionamento com a sociedade. A centralização exagerada que até recentemente caracterizou a administração educacional e a falta de tradição de participação da sociedade na solução dos problemas educacionais dificultou a inserção da escola nos grupos sociais a que serve. Por outro lado, ainda não se deu a compreensão exata do papel da educação fundamental e média, de suas fraquezas e de suas forças e ainda não está claro se a escola é, na verdade, uma instituição aberta, desejosa de ouvir as vozes que coletivas, quer individuais que se levantam na sociedade.

A escola, na perspectiva de construção de cidadania, precisa assumir a valorização da cultura de sua própria comunidade e, ao mesmo tempo, buscar ultrapassar seus limites, propiciando as crianças pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade.

A relação entre a escola e a sociedade deve ser alargada dentro das possibilidades, trazendo os pais para dentro da escola como é caso do projeto Dia da Família na Escola que traz inúmeros benefícios. Os pais não devem ser convocados somente para tomar conhecimento de como anda seu filho na escola e sim também para contribuir com suas experiências para o melhoramento da escola.

Ela deve ser sempre vista como um processo de melhoria para a instituição educacional. A viabilização de projetos que promovam a parceria da escola com a sociedade deve ser sempre observada. Através destes projetos é que a sociedade toma conhecimento e responsabilidade por um patrimônio que não é só do estado ou do município, mas é de todos e é obrigação de todos zelar para o bom andamento das atividades desta instituição que tem por principal objetivo ajudar a sociedade a ser mais digna e batalhadora por seus direitos.

De acordo com as estatísticas, os dados educacionais esclarecedores de que o sistema de ensino, não está comprometido com o desenvolvimento dos educandos, tomados sob a visão da coletividade. Não descartando também a conduta individual dos professores.

A gestão escolar envolve necessariamente as atividades de planejamento, organização, direção, coordenação e controle, mas em suas formas mais radicais, parece ir além, incorporando também certa dose de filosofia que vem antes e acima da administração.

A falta de tradição de participação da sociedade na solução dos problemas educacionais dificultou a inserção da escola nos grupos sociais a que serve. Os conteúdos e o tratamento que a eles devem ser dados assumem o papel central, uma vez que por meio deles que os propósitos da escola são operacionalizados e alcançados.

Enfim, estamos entrando no Século XXI e um dos grandes impasses que a escola enfrenta hoje é o de escolher entre curvar-se diante da exigência de rapidez e de superficialidade, de desempenho imediato que a sociedade está a impor, ou resguardar-se com um espaço de reflexão, de análise cuidadosa, de observação, de escrita. O que na verdade não é uma escolha fácil.

Diante da vasta pesquisa teórica e prática, na qual nos aprimoramos em frente do estudo em questão, percebe-se que estamos em processo de mudanças, onde ficam várias questões que precisamos estar em constante busca, tais como:

1. implantação pelo governo de projetos para interação de famílias à escola poderá alterar esse quadro?
2. os docentes estão dispostos a permitirem a maior participação da família na escola?
3. os programas sociais deveriam sofrer alterações no sentido de haver uma melhora no processo de aprendizagem?

# **CRONOGRAMA**

## MONOGRAFIA II

ATIVIDADES	PERÍODO
DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA – ELEMENTOS PESSOAIS . Introdução – Descrita em Monografia I . Revisão e Literatura ou Referencial Teórico – Descrito em Monografia I . Orientações Metodológicas . Organização, Análise e Discussão dos Dados . Considerações Finais	14-17-20-21 23-27 e 30 de outubro
ELEMENTOS PÓS-TEXTUAIS . Referências Bibliográficas - Bibliografia – Descritos em Monografia I . Apêndice e Anexo	03 - 06 e 07 de outubro
ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS	03, 06 e 09 de Novembro
REUNIÕES DE ORIENTAÇÕES	14, 21 e 28 de outubro 11 de novembro
REUNIÕES DE ESTUDO	05, 06, 10, 13 de novembro
ENTREGA DA MONOGRAFIA II	14 de novembro

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Eunice Soriano. **Novas Contribuições da Psicologia aos Processos de Ensino-Aprendizagem**. São Paulo: Ed. Cortez, 1992, 182p.
- ALMEIDA, A. M. **de Pensando a Família no Brasil. Da Colônia à Modernidade**. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, UFRJ, 1987.
- BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos da Psicologia Escolar**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- COELHO, Paulo. **Histórias para Pais, Filhos e Netos**. São Paulo: Globo, 2001.
- DAVID, Fontana. **Psicologia para Professores**. Trad. Doris Sanches Pinheiro. 2. ed. São Paulo: Manole, 1991.
- GOKHALE, S. O. **A Família Desaparecerá?** In Revista Debates Sociais nº 30, ano XVI. Rio de Janeiro, CBSSIS, 1980.
- JOSÉ, Elisabete da Assunção. COELHO, Maria Tereza. **Problemas de Aprendizagem**. 11 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- KALLOUSTIAN, S. M. (org.) **Família Brasileira, a Base de Tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: UNICEF, 1988.
- LANE, Silvia T. Maurer. **O que é Psicologia Social**. Coleção primeiros passos. São Paulo. Nova Cultural – Brasiliense, 1985.
- LOPEZ, Jaume Sarramona. **Educação na Família e na Escola: O que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2000.
- MARQUES, Ramiro. **A Escola e os Pais: Como Colaborar?** São Paulo: Texto Editora, 1997.
- MAZARAKIS, Renata Rocha. Aprendizagem sem Fronteiras. Nova Escola, maio, 2004.
- OUTEIRAL, José. CEREZER, Cleon. **Importância da Função Paterna no Desenvolvimento da Criança e do Adolescente**. In: OUTEIRAL, José CEREZER, Cleon. O mal-estar na Escola. Rio de Janeiro: Revinte, 2003.
- PIAGET, J. **Psicologia e Epistemologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.
- Pontos da Psicologia do Desenvolvimento. 10 ed. São Paulo: Ática, 1997.
- Professores, Famílias e Projeto Educativo. São Paulo: Asa, 2000.
- WALLON, Henri. **Uma concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil**. Isabel Galvão. Ed. Vozes, 1995.



# APÊNDICES

## **APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO PARA PAIS**

Senhores pais ou responsáveis, estamos realizando uma pesquisa, na intenção de haver uma melhora no atendimento a seu filho nesta escola. Pedimos a gentileza em responder o presente questionário

1. Quantos filhos estudam nesta escola?
2. Você vem sempre à escola?
3. Para você é importante o desenvolvimento escolar de seu(s) filho(s)? Porque?
4. Conversa sempre com a professora do seu(s) filho(s)?
5. Procura manter uma boa relação com a escola? Como?
6. Está escola mantém um bom relacionamento com os pais? Como?
7. Você ajuda seu(s) filho(s) nas atividades de casa? Como?
8. Na sua opinião a participação dos pais ajuda o aluno a aprender com mais facilidade? ( )sim ( ) não
9. Você participa das atividades desenvolvidas na escola? Como?
10. Você consegue perceber quando seu filho tem dificuldades na escola? Se sua resposta for positiva, o que você faz para ajudá-lo? ( )Sim ou ( )Não

## **APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS**

Caros alunos,

Para contribuir na melhoria da escola solicitamos que responda essas questões a título de colaboração na pesquisa que estamos desenvolvendo.

Agradecemos sua participação. As pesquisadoras.

1. Nome, idade e turma.
2. Seus pais ou responsáveis o acompanham à escola? ( ) sim ( ) não ( ) às vezes
3. Para você seus pais ou responsáveis deveriam vir sempre à escola? ( ) sim ( ) não
4. Seus pais ou responsáveis querem saber como você está na escola?
5. Eles conversam com seus professores?
6. Você gosta de estudar nesta escola? Por que?
7. Seus pais ou responsáveis procuram ajudá-lo nas atividades em casa?
8. Quando seus pais ajudam nos deveres de casa o que acontece?
9. Eles participam das atividades desenvolvidas na escola? ( ) sim ( ) não. Comente?
10. Quando você tem dificuldades nos estudos seus pais ou responsáveis o ajudam? De que forma?

## **APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES**

Os caros colegas docentes solicitam sua colaboração em responder o presente questionário. Ele é parte integrante da pesquisa do trabalho de conclusão do Curso do UNICEUB. Você não precisa se identificar, as informações serão colocadas sob sigilo. Agradecemos sua colaboração. As pesquisadoras.

1. Qual a sua formação e tempo de magistério?
2. Os pais ou responsáveis acompanham seus filhos na escola?
3. Qual a sua opinião sobre a participação dos pais para o desenvolvimento do educando? É importante? Por quê?
4. Quando você sente necessidade de conversar com os pais?
5. Como você vê o relacionamento dos pais ou responsáveis com a escola?
6. Os pais dos seus alunos acompanham filhos nas atividades para casa? Comente.
7. Na sua opinião, a criança que tem apoio dos pais aprende com mais facilidade?
8. Há algum projeto de integração dos pais ou responsáveis nas atividades da escola? Quais?
9. Como você percebe a atuação da escola no sentido de trazer a família para uma participação efetiva?
10. Há um incentivo por parte da Secretaria de Educação para que os pais ou responsáveis participem da vida da escola? Qual?